



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Programa de Pós-Graduação em História



GIOVANE VASCONCELLOS CELLA

**TUDO PERMANECE COMO NUNCA
FOI: A ETNICIDADE GAULESA EM
CÉSAR E ESTRABÃO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Giovane Vasconcellos Cella

**TUDO PERMANECE COMO NUNCA FOI: A ETNICIDADE GAULESA EM CÉSAR E
ESTRABÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciência Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Juliana Bastos Marques

Rio de Janeiro

2018

2

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

C393 Cella, Giovane Vasconcellos
Tudo permanece como nunca foi: a etnicidade
gaulesa em César e Estrabão / Giovane Vasconcellos
Cella. -- Rio de Janeiro, 2018.
89 f.

Orientadora: Juliana Bastos Marques.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em História, 2018.

1. História Antiga. 2. Etnicidade. 3. Gália. 4.
Júlio César. 5. Estrabão. I. Marques, Juliana
Bastos, orient. II. Título.

TUDO PERMANECE COMO NUNCA FOI: A ETNICIDADE GAULESA EM CÉSAR E
ESTRABÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História do Centro de Ciência
Humanas e Sociais da Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro para a obtenção do título de
mestre.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Juliana Bastos Marques - UNIRIO (orientadora)

Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas - UFRGS

Prof. Dr. José Ernesto Moura Knust - UFF

Prof. Dr. Uiran Gebara da Silva - UFRPE (suplente)

Rio de Janeiro

2018

3

Agradecimentos

Como sempre, é estranho e difícil escrever agradecimentos. Um misto de alegria e tristeza, lembrando momentos e pessoas, e ponderando quem exatamente referenciar em breves linhas. Diversas pessoas me apoiaram das mais diversas maneiras, e a todas sou imensamente grato.

Em primeiro lugar, sem dúvidas devo agradecer aos meus pais, Wannes e Marcia, pelo apoio, carinho, compreensão e motivação em todo momento, mesmo nos mais críticos momentos. Agradecimentos também são devidos a toda minha família, também por seu carinho e apoio.

Aos amigos que me aturaram falando sobre gauleses e teorias de etnicidade, escrevendo trabalhos durante a madrugada enquanto estavam comigo e estressado por bloqueios de escrita e pesquisa: sem vocês eu provavelmente teria de fato surtado antes de completar esse trabalho. Para ficar em poucos e correr um pouco menos o risco de esquecer de colocar alguém: Léo e Laisa, Muniz, Lima, Loran, Amorim, Brum, Jaque, Mari Wong, Mari Fonseca, Martins, Eduardo, Andrea, Diederik, Eyrún e Nicolás.

Tenho ainda que agradecer à UNIRIO, em especial ao Departamento de História, que desde o início da graduação em 2012 foi como uma segunda casa para mim. Em especial, agradeço à minha orientadora, Juliana Marques, pela paciência desde o projeto Jovens Talentos Para a Ciência.

Por fim, como é condizente com minha natureza, gostaria de agradecer a todos que, entre encontros e desencontros, moldaram-me naquilo que sou hoje. À grandiosa Fortuna ou à elusiva entropia, que permite que Karr estivesse certo quando disse que “*plus ça change, plus c’est la même chose*”.

“I had rather be a canker in a hedge than a rose in his grace, and it better fits my blood to be disdained of all than to fashion a carriage to rob love from any: in this, though I cannot be said to be a flattering honest man, it must not be denied but I am a plain-dealing villain. I am trusted with a muzzle and enfranchised with a clog; therefore I have decreed not to sing in my cage. If I had my mouth, I would bite; if I had my liberty, I would do my liking: in the meantime let me be that I am and seek not to alter me.”

(Shakespeare, Much Ado About Nothing, Act 1, Scene III)

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise sobre a criação e desenvolvimento de identidades étnicas por grupos exteriores àqueles descritos, tendo por foco a Antiguidade romana. Trata-se em particular da região da Gália e seus habitantes, através de dois autores de períodos próximos entre si, mas ainda assim compondo momentos nitidamente distintos na interação de Roma com a região. Desta forma, trabalharemos com Júlio César e seu *Comentarii De Bello Gallico*, tratando do período de início desse contato, e Estrabão com o Livro IV de sua *Geografia*, tratando do período no qual a região já estava subjugada ao domínio romano. Em conjunto aos debates contemporâneos quanto a formação de etnicidades e quanto às formas de interações entre duas ou mais culturas, procuraremos averiguar a existência de um discurso de etnicidade englobando toda a Gália, bem como a existência de etnicidades pertinentes apenas às tribos da região.

Palavras-chave: Etnicidade; Gália; Júlio César; Estrabão.

Abstract

This work aims to present an analysis on the creation and development of ethnic identities by groups external to those described, focusing in the Roman Antiquity. Gallia and its inhabitants were chosen for an argumentation through the works of two authors that albeit sharing close periods, show clearly distinct moments of interaction between Rome and the region. We will thus work with Julius Caesar and his *Comentarii de Bello Gallico*, concerning the beginning of interaction, and Strabo's *Geography's* Book IV, concerning the period when the region was under the Roman yoke. Together with the contemporary debates regarding the formation of ethnicities and the forms of interaction between two or more cultures, we will pursue to inquire the existence of a ethnicity discourse encompassing the whole of Gallia, as well as the existence of ethnicities pertaining to the region's tribes only.

Keywords: Ethnicity; Gallia; Julius Caesar; Strabo.

SUMÁRIO

Agradecimentos	4
Resumo	6
Abstract	7
Introdução	9
Capítulo I: Etnicidade e romanização	12
1. Introdução	12
2. Etnicidade	16
3. Romanização	30
Capítulo II: O general político	38
1. Publicação e propaganda	39
2. Tradição de escrita etnográfica	43
3. Descrições dos gauleses	46
4. Conclusão	58
Capítulo III: O geógrafo erudito	60
1. Publicação e objetivo	61
2. Tradição de escrita	64
3. Descrição dos gauleses	67
4. Conclusão	76
Conclusão	79
Referências	82

Introdução

Em sua obra “*Muito barulho por nada*” (no original, “*Much Ado About Nothing*”), William Shakespeare apresenta uma personagem peculiar na figura de Don John. Relegado ao ostracismo pela sociedade e considerado vil por ser um filho ilegítimo, Don John não apenas reconhece essa rejeição como crê ser seu papel agir conforme o enquadramento a ele dado pela sociedade.¹ Ainda que afirme simplesmente ser quem ele de fato é, indica que age de maneira a ser considerado um vilão pois isso seria mais condizente com seu sangue e com aquilo que a sociedade espera de alguém como ele. Ele é moldado por essa sociedade e seu perfil é traçado conforme aquilo que se espera dele nas situações que enfrenta, sem que ele próprio tenha de fato grande grau de liberdade para agir de outra forma.

Don John não é o único caso no qual uma determinada moldagem é imposta de forma a constituir a própria natureza e definição de algo, seja por força das concepções e preconceitos das massas e da sociedade, seja pela articulação de desígnios políticos. Tal predicamento ocorre através do tempo, de culturas, de crenças e de regiões, abrangendo amplamente o espectro da humanidade até os dias de hoje e sendo continuamente representado nas mais diversas obras.

No presente trabalho, buscaremos esse enquadramento na antiguidade clássica. Mais especificamente, na ótica romana sobre os gauleses, habitantes da região que atualmente abrange aproximadamente a França e seus arredores. Nesse âmbito, propomos analisar a existência ou não da construção de uma imagem desses gauleses, através do conceito de

¹ Richter, 2010, s/p.

etnicidade, que será abordado juntamente ao conceito de romanização e seus variantes no primeiro capítulo do trabalho.

Entretanto, é imperativo ressaltar já de início a concepção moderna que o termo etnicidade carrega:

Os antigos não entenderiam o construto social a que chamamos de “raça” mais do que entenderiam a distinção que estudiosos modernos e cientistas sociais geralmente traçam entre raça e “eticidade”. O conceito moderno de raça é um produto dos empreendimentos coloniais de poderes europeus do século XVI ao XVIII, que identificaram raça em termos de cor da pele e diferenças físicas. No mundo pós-Iluminismo, uma ideia “científica” e biológica de raça sugeriu que a diferença humana podia ser explicada por grupos humanos biologicamente distintos, evoluídos de origens separadas, que poderiam ser distinguidos por diferenças físicas, predominantemente a cor da pele. Etnicidade, por outro lado, é agora frequentemente considerada uma distinção na prática cultural dentro da mesma raça.²

De forma a alcançar a análise de existência ou não da construção de uma imagem dos gauleses, utilizaremos as descrições apresentadas por Júlio César e Estrabão quanto aos gauleses. Essas descrições são encontradas nas obras *Comentários sobre a guerra gálica*, do primeiro, e no livro IV da *Geografia*, do segundo. Trabalharemos com essas obras nos segundo e terceiro capítulos, respectivamente.

A escolha das obras é devida aos seus momentos de produção. Enquanto relativamente próximas temporalmente (menos de um século), representam distintos momentos de interação entre as partes envolvidas. César escreve durante a década de 50 do século I a.C., no momento de guerra e conquista da Gália, sendo o gaulês um inimigo formidável. Já Estrabão escreve no início do governo de Tibério, na segunda década do século I d.C., quando a região já se

² “The ancients would not understand the social construct we call “race” any more than they would understand the distinction modern scholars and social scientists generally draw between race and “ethnicity”. The modern concept of race is a product of the colonial enterprises of European powers from the 16th to 18th centuries that identified race in terms of skin color and physical difference. In the post-Enlightenment world, a “scientific,”[sic] biological idea of race suggested that human difference could be explained by biologically distinct groups of humans, evolved from separate origins, who could be distinguished by physical differences, predominantly skin color. Ethnicity, on the other hand, is now often considered a distinction in cultural practice within the same race.” Kennedy, 2013, p. xiii.

encontrava efetivamente dominada por Roma e integrada a seu mundo. Ao analisar obras referentes a esses dois períodos, poderemos analisar o estabelecimento ou não de uma etnicidade e sua sobrevivência ante intensos processos políticos que ocorreram nesse espaço de tempo.

Utilizaremos duas versões distintas disponíveis dos *Comentários* de César: a edição bilingue latim-inglês de 2006 da Loeb Classical Library, traduzida por H. J. Edwards em 1917, sendo esta a que utilizaremos como base para a pesquisa; e a edição em português traduzida por Francisco Sotero dos Reis, datada ainda da época do Império do Brasil, mas sendo a única edição por completo brasileira. É importante ressaltar que excluiremos da análise o livro VIII, último da obra, tendo em vista que esse é atribuído a Aulo Hircio e Caio Ópio, logo constituindo corpo diverso à lógica estabelecida nos outros sete livros.

Para a *Geografia* de Estrabão, utilizaremos três versões disponíveis: a tradução da Loeb Classical Library para o inglês de H. L. Jones, em um total de oito volumes traduzidos entre 1912 e 1932 e disponível *online* na plataforma Lacus Curtius mantida pela Universidade de Chicago³; a tradução para o espanhol de Maria José Meana e Félix Piñero da editora Gredos, de 1992; por último, a tradução para o francês de Patrick Thollard pela Éditions Errance de 2009.

Por fim, apresentaremos ao final do trabalho uma breve conclusão, na qual buscaremos de melhor forma integrar as discussões apresentadas no decorrer da obra.

³ Disponível em: <http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/home.html>. Último acesso em 13/06/2018.

Capítulo I: Etnicidade e romanização

1. Introdução

Pretendemos, no decorrer deste capítulo, analisar algumas das propostas levantadas para a compreensão da formulação de uma etnicidade na antiguidade e delinear os parâmetros que serão utilizados nos capítulos subsequentes para a análise da existência de uma etnicidade gaulesa no *De Bello Gallico* de Júlio César e na *Geografia* de Estrabão. Para tal empreitada, é imperativo definirmos os conceitos de etnicidade e romanização. Julgamo-los como complementares, tendo em vista que o conceito de romanização abarca uma natureza expansiva de encontros de culturas ou, podemos dizer, de etnicidades. Etnicidade, por sua vez, abarca um conjunto de fatores que podem definir um grupo que pode participar de encontros de culturas. De fato, a análise que apresentaremos sobre romanização servirá ao propósito de nos fornecer, através de diferentes modos de interpretação, uma melhor compreensão de como se desenvolve o encontro de duas ou mais etnicidades. Apresentaremos algumas das propostas de definição desses dois conceitos. Não pretendemos elaborar uma lista exaustiva, mas sim meramente ilustrativa para melhor compreensão da complexidade dos termos e de sua utilização, bem como nos posicionarmos quanto ao tema para o desenvolvimento nos próximos capítulos.

Entretanto, julgamos que, antes de prosseguirmos, devemos explicitar o posicionamento teórico a partir do qual as visões aqui apresentadas foram concebidas. Compreendemos que o texto compõe um discurso, que por sua vez é apenas um dentro da miríade de discursos que poderiam ter sido versados sobre um dado tema. Com isso, entendemos a inexistência de um “real” ao qual o texto se referencie: a construção e as

subsequentes reinterpretações são os únicos referentes possíveis, sendo mutuamente desenvolvidas através de um contínuo diálogo entre autor e leitor(es).¹

Esse teor de construção de um discurso pode ser visto através dos excertos das obras que utilizaremos nos capítulos subsequentes com o intuito de analisar a existência de uma etnicidade, ou seja, as descrições apresentadas por Júlio César e Estrabão acerca dos gauleses. Essas descrições são comumente classificadas como etnografia. É válido, contudo, lembrar que a existência de uma escrita etnográfica *per se* é uma prerrogativa moderna. Por mais que tais segmentos sejam facilmente perceptíveis nas obras do mundo antigo e, logo, são perceptíveis dentro de uma tradição de escrita da época, esses segmentos fazem parte integral do texto nos quais estão inseridos. Como apontado por Emma Dench (2005),

De maneira considerável, a categoria de “escrita etnográfica”, como distinta, por exemplo, de “história” ou “geografia”, foi criada por estudiosos modernos. [...] “*Ethnographie*” - escritos sobre outros povos, [é] uma subdivisão que tem alguma base no pensamento antigo.²

O desenvolvimento dessa subdivisão encontraria sinais de suas origens já na épica grega, apresentando-a John Marincola (2007) mesmo como o segundo dos gêneros de escrita desenvolvido pelos gregos:

etnografia, um estudo de terras, povos, seus costumes e maravilhas; [...] fora Hecateu [de Mileto] quem estabeleceu a semente desse gênero com sua *Descrição da Terra (Periodos ou Periégēsis Ges)*, uma obra que avançava ao redor da costa do Mediterrâneo e descrevia as terras e povos naqueles lugares.³

¹ Breisach, 2003, pp. 78-79.

² “To a considerable extent, the category of ‘ethnographical writing’, as distinct from, for example, ‘history’ or ‘geography’, was created by modern scholars. [...] ‘Ethnographie’—writings about other peoples, [is] a subdivision that has some basis in ancient thought.” Dench, 2005, pp. 41-42.

³ “ethnography, a study of lands, peoples, their customs and marvels; [...] it was Hecateus who established the seed of this genre with his *Circuits of the Earth (Periodos or Periégēsis Ges)*, a work that progressed around the coastline of the Mediterranean and described the lands and the peoples therein.” Marincola, 2007, p. 5.

Esse contexto de tradição de escrita ao pensarmos na etnografia, e que invariavelmente molda o discurso de um dado autor, apresenta ainda outros fatores que incidem em uma construção de discurso. Por exemplo, ancoradas ainda na tradição de escrita e não em alguma deficiência dos antigos, as descrições etnográficas não necessariamente comporiam um relato fidedigno à uma pretensa realidade, bastando que fossem de alguma forma verossímeis o suficiente à mentalidade antiga, podendo ser estabelecido entre os leitores e o autor um nível de compreensão mútua.⁴ Desenvolvendo sobre essa lógica, François Hartog (2014) aponta que

Entre o narrador e o destinatário existe, como condição para tornar possível a comunicação, um conjunto de saberes semântico, enciclopédico e simbólico que lhes é comum.

[...]

A dificuldade não provém tanto da exterioridade desse saber, mas de seu caráter implícito ou largamente implícito, já que se trata daquilo em função de que o destinatário “calcula” o sentido de um enunciado, o mesmo critério a partir do qual o narrador formula, justamente para que se faça este cálculo.

[...]

Sem dúvida, essas duas confrontações - a que se volta para o contexto (as exigências do real) e a que se prende ao saber compartilhado - não podem ser separadas uma da outra.⁵

Logo, devemos ter ciência que, ao propormos neste trabalho analisar um discurso acerca de uma etnicidade, devemos entender que a compreensão que apreendemos atualmente é fruto não apenas do discurso elaborado por seu(s) autor(es), mas também dos diversos estudos, traduções, modificações, interpretações e análises feitos sobre estes nas décadas e séculos subsequentes, ainda que não tenhamos acessado (ou mesmo tenhamos acesso, em virtude das barreiras linguísticas e/ou das mazelas do tempo) a maior parte do que compõe os *corpus* de estudo da etnicidade. Como coloca Frank Ankersmit (2001),

Interpretações históricas do passado primeiramente se tornam reconhecíveis, primeiramente adquirem suas identidades através do contraste com outras interpretações; elas são o que são somente na base do

⁴ Fornara, 1988, p. 15.

⁵ Hartog, 2014, pp. 48, 49, 51.

que não são [...] Pois não nos dão ambas as linguagens do romancista e do historiador uma ilusão de realidade, seja ela de ficção ou genuína?⁶

Da mesma maneira, enquanto é útil inferir os pretensos propósitos originais da produção de um dado discurso, não acreditamos que tal inferência seja vital para o desenvolvimento da análise a qual nos propomos, tendo em vista que esta remete a visões condicionadas pelo contexto no qual vivemos. Não obstante, consideramos os textos que serão trabalhados nos capítulos subsequentes como obras de seu tempo e circunscritos à complexidade de seu próprio contexto. Logo, ainda que nossa proposição seja a tentativa de assimilar o que o discurso pode transmitir hoje e para nós, e não o que ele poderia se propor a comunicar seu público destinado de outrora, buscaremos apresentar de forma sucinta as condições de produção das obras analisadas. Ainda assim, reforçamos que nossa preocupação se transmite fundamentalmente na aplicabilidade de conceitos formulados em nossa contemporaneidade às obras antigas.

Prossigamos, então, aos dois temas com os quais o presente capítulo se preocupa: a etnicidade e a romanização (ou, talvez pudéssemos dizer, as formas de interação entre etnicidades).

⁶ Ankersmit, 2001, pp. 120-121.

2. Etnicidade

2.1 Definições

Diversas propostas de uma definição para etnicidade (que aqui utilizaremos de forma intercambiável com identidade étnica) são apresentadas por diversos autores, muitas vezes com concepções semelhantes que diferem entre si em termos de abrangência do fenômeno.

Sian Jones (1997) coloca etnicidade como um conceito focado em todos os fenômenos sociais e psicológicos associados a grupos étnicos e nos modos de interação e (auto)identificação desses grupos, sendo eles “qualquer grupo de pessoas que se separam e/ou são separados por outros com quem eles interagem ou coexistem com base em suas percepções de diferenciação cultural e/ou descendência comum”⁷. Harald Haarmann (2014), por sua vez, afirma etnicidade como a dimensão basal da identidade na construção da sociedade humana, sendo a identidade a capacidade mental de distinguir o “si” do “outro” e elementar para qualquer tipo de interação ou atividade cultural.⁸

Etnicidade pode ser ainda conceituada em relação ao posicionamento de um dado indivíduo na sociedade ou ligada à percepção de um componente externo à pessoa, conforme visto em A. Bernard Knapp (2014), Jonathan Hall (1997) e Gregory Smoak (2006). Knapp aponta a etnicidade expressa nas maneiras como indivíduos sentem-se ou são vistos por outros como ligados a pequenos grupos ou meios sociais⁹. Já Hall e Smoak consideram a

⁷ “any group of people who set themselves apart and/or are set apart by others with whom they interact or co-exist on the basis of their perceptions of cultural differentiation and/or common descent.” Jones, 1997, p. xiii.

⁸ Haarman, 2014, pp. 19-20.

⁹ Knapp, 2014, p. 35.

etnicidade sendo, respectivamente, a operação de relacionamentos socialmente dinâmicos construídos por meio da crença de uma descendência comum¹⁰ ou a solidariedade compartilhada por uma dada população humana¹¹.

Uma visão mais “sóbria”, que não apenas aponta uma concepção mas ao mesmo tempo a limita, é apontada por Johannes Siapkas (2014). Seria a etnicidade uma conjunção de fenômenos, discursos e processos associados com a articulação de uma identidade baseada na inferência de um passado comum, mas que, por ser articulada de formas diferentes e em contextos diferentes, qualquer definição que seja proposta a ela pode ser facilmente invalidada¹². Anna C. F. Collar vai ao encontro da visão de Siapkas, afirmando que

Etnicidade é um aspecto da identidade socialmente construído e subjetivo, que pode ser reconstruído, adotado, e redefinido por diferentes pessoas em diferentes ambientes.¹³

Dentro dos exemplos trabalhados, podemos ver o aparecimento comum de dois fatores: a construção da etnicidade em oposição a um “outro” e o pressuposto de um fato passado em comum. Escolhemos aqui falar de “fato passado em comum”, em oposição à “descendência comum” de Jones e Hall, pela não imprescindibilidade de um ancestral comum para a *definição* de etnicidade. Siapkas, por exemplo, fala da inferência de um passado comum em sua definição, sem tocar necessariamente no tópico de ancestralidade compartilhada. Nesse sentido, definições que não falam expressamente de um componente passado podem ter tal componente inferido ao se indagar o que fez com que indivíduos se

¹⁰ Hall, 1997, p. 16.

¹¹ Smoak, 2006, p. 5.

¹² Siapkas, 2014, p. 67.

¹³ “*Ethnicity is a socially constructed and subjective aspect of identity, which can be reconstructed, adopted, and redefined by different people in different environments*” Collar, 2014, p. 104.

associassem ou fossem vistos como associados a determinado grupo, e o que levou um dado grupo de pessoas a agir em conjunto.

A oposição a um “outro” é também figura proeminente na construção de uma etnicidade. Como coloca François Hartog em seu *magnum opus*, *O espelho de Heródoto*: “A retórica da alteridade tende, pois, a ser dual - ou, dito de outro modo: como seria de esperar, *alter*, na narrativa, significa bem o outro (*de dois*).”¹⁴ Ellen O’Gorman, tratando da construção do discurso sobre bárbaros na antiguidade, aponta que há uma necessidade do desenvolvimento de uma dualidade para a afirmação de identidade própria e que, na representação de dois “outros”, um deles será assimilado ao “si”, o grupo que busca se afirmar:

O discurso da representação bárbara no mundo antigo é em muito um discurso de dualidade, polaridade, de ser ou um ou o outro, apesar disso ser por vezes mascarado pela atribuição de alteridade a elementos de sua própria sociedade. Uma divisão tripartite não ocorre, na prática. Em outras palavras, se dois tipos de barbaridade são representados, um será assimilado ao romano.¹⁵

¹⁴ Hartog, 2014, p. 289.

¹⁵ “*The discourse of barbarian representation in the ancient world is very much a discourse of duality, polarity, of being either one or the other, although this is often masked by the assignation of otherness to elements of one’s own society. Three-way splitting does not, in practice, occur. In other words, if two types of barbarianism are represented, one will be assimilated to the Roman.*” O’Gorman, 2012, p. 112.

2.2 Fatores de construção

O desenvolvimento de propostas de fatores apresentados como construtores de etnicidade deriva, em muito, de uma discussão sobre sua rigidez ou maleabilidade. Essa discussão, travada no âmbito da antropologia, opõe grupos chamados de “primordialistas” e “instrumentalistas”, onde uns argumentam o caráter imutável e endógeno da etnicidade enquanto outros apontam sua construção em sociedade em variados momentos.

De um lado, os “primordialistas”, se baseiam em uma conceitualização do passado como consistindo de povos monolíticos e imutáveis, mantendo um âmago de peculiaridades essenciais através da história, onde sua origem explicaria essas peculiaridades.¹⁶ Clifford Geertz argumenta, sobre a perspectiva “primordialista”, que as características derivantes do local e comunidade de nascença em um indivíduo são as forças dominantes na construção de uma identidade étnica:

a certeza oriunda do nascimento em uma determinada comunidade religiosa, falando uma determinada língua [...] e seguindo determinadas práticas sociais. Essas congruências de sangue, fala e costume, e por assim em diante, são vistas como detentoras de uma inefável, e por vezes subjugante, coercitividade em e de si mesmas. Um indivíduo está ligado a seu compatriota, seu vizinho, seu companheiro de fé, *ipso facto*; como resultado não apenas de afeição pessoal, necessidade prática, interesse comum, ou obrigação incorrida, mas ao menos em grande parte em virtude de um inexplicável teor absoluto atribuído à própria ligação.¹⁷

De acordo com Sian Jones, a perspectiva “primordialista” teria a vantagem de focar sua atenção nas fortes emoções por vezes associadas às afeições étnicas e nacionais e a

¹⁶ Siapkas, 2014, p. 67-68.

¹⁷ “*the givenness that stems from being born into a particular religious community, speaking a particular language [...] and following particular social practices. These congruities of blood, speech and custom, and so on, are seen to have an ineffable, and at times overpowering, coerciveness in and of themselves. One is bound to one’s kinsman, one’s neighbour, one’s fellow believer, ipso facto; as the result not merely of personal affection, practical necessity, common interest or incurred obligation, but at least in great part by virtue of some unaccountable absolute import attributed to the very tie itself.*” Geertz, 1963, p. 109.

potência de símbolos culturais envolvidos, que não seriam adequadamente abordados pelas recentes teorias “instrumentalistas”¹⁸. Ademais, explicaria a permanência de grupos étnicos através de longos períodos de tempo, mesmo quando essa perdura configura uma desvantagem social para o próprio grupo¹⁹. Entretanto, nela também residem diversos problemas. John Stack aponta que a perspectiva “primordialista” se baseia em aspectos intangíveis que acabam por não conceder explicações concretas:

os aspectos intangíveis da abordagem primordialista constituem, no melhor dos casos, um argumento *ex post facto*. Ao procurar pelas certezas da existência social, a abordagem primordial explica tudo e nada.²⁰

Isso resultaria ainda em uma romantização e mistificação da etnicidade, levando mesmo a argumentações de uma imutabilidade nos aspectos biológicos e psicológicos do ser humano desde sua época primitiva²¹. Da mesma forma, a abordagem “primordialista” atribuiria à etnicidade um aspecto imutável e determinante na identidade de um indivíduo, tendo em vista a natureza involuntária e coercitiva dos laços produzidos por aquela²². Jones sumaria a perspectiva “primordialista” como uma

tentativa de explicar a dimensão psicológica da etnicidade e a potência de determinados símbolos, que são abordados inadequadamente por muitas teorias instrumentalistas de etnicidade. Entretanto, no presente, o conhecido sobre as supostas bases psicológicas e/ou biológicas dos laços primordiais é vago, e o nível de explicação não consegue tratar a natureza dinâmica e fluida da etnicidade em variados contextos sociais e históricos. Ademais,

¹⁸ Jones, 1997, p. 68; Kellas, 1991, p. 14.

¹⁹ McKay, 1982, p. 397.

²⁰ “*the intangible aspects of the primordial approach constitute at best an ex post facto argument. In searching for the givens of social existence, the primordial approach explains everything and nothing.*” Stack, 1986, p. 2.

²¹ Jones, 1997, p. 68.

²² Scott, 1990, p. 151.

abordagens primordialistas por vezes incorporam ideias derivadas de ideologias nacionalistas sem historicizar adequadamente essas ideias.²³

Por outro lado, temos os chamados “instrumentalistas”, preocupados com o papel desempenhado pela etnicidade nas relações sociais, políticas e econômicas²⁴. Ganhando força a partir das décadas de 1960 e 1970, os instrumentalistas se voltam para uma conceituação da etnicidade como “uma forma de grupo dinâmica e situacional, embutida na organização do comportamento social e também no tecido institucional da sociedade”²⁵. Ao invés de termos a etnicidade como explicada pelas circunstâncias de origem do grupo/indivíduo e seus laços, seria a própria etnicidade que possibilitaria a formação desses laços²⁶. Johannes Siapkias (2014) afirma que, nesse contexto, a etnicidade seria conceituada como um motor sociopolítico, utilizado em certas situações com o objetivo de maximizar os interesses do grupo/indivíduo²⁷. Ele argumenta que uma das maiores contribuições da perspectiva “instrumentalista” seria que ela

tem por objetivo estabelecer compreensões subjetivas auto-adscritivas de identidades étnicas, o que contrasta com a categorização de pessoas em grupos étnicos. [...] Isso resultou na percepção de que tanto identidades étnicas quanto as expressões culturais utilizadas para expressá-las são altamente mutáveis. Ademais, os instrumentalistas concluíram que identidades étnicas são expressas primariamente através de comportamento e não do repertório cultural; ter uma identidade é fazer algo de determinada

²³ “attempt to explain the psychological dimension of ethnicity and the potency of particular symbols, which are inadequately addressed by many instrumentalist theories of ethnicity. However, at present, knowledge about the purported psychological and/or biological bases of primordial attachments is vague, and the level of explanation fails to address the dynamic and fluid nature of ethnicity in varied social and historical contexts. Moreover, primordialist approaches often incorporate ideas derived from nationalist ideologies without adequately historicizing these ideas.” Jones, 1997, p. 72.

²⁴ Bentley, 1987, p. 25.

²⁵ “a dynamic and situational form of group identity embedded in the organization of social behaviour and also in the institutional fabric of society.” Jones, 1997, p. 72.

²⁶ Barth, 1969, p. 10.

²⁷ Siapkias, 2014, p. 70.

maneira. Como a etnicidade é mutável, pessoas podem também trocar de identidades.²⁸

Frederik Barth (1969) aponta na mesma direção, argumentando a possibilidade de um fluxo de indivíduos entre diferentes etnicidades de forma a melhor acomodar as situações políticas e econômicas com as quais se tem preocupações²⁹. Por outro lado, Abner Cohen argumenta em favor de uma maior ênfase na importância de uma estratégia organizada coletivamente pelo grupo nessas alterações de etnicidade preocupadas na proteção de interesses econômicos e políticos, salientando o papel da cultura e sua habilidade de limitar as ações individuais:

Um grupo étnico não é simplesmente a soma total de seus membros individuais, e sua cultura não é a soma total das estratégias adotadas por indivíduos independentes. Normas, crenças e valores são eficazes e têm seu próprio poder restritivo apenas porque eles são as representações coletivas de um grupo e são apoiadas pela pressão desse grupo.³⁰

Jones aponta que, para além desse caráter fluido, a própria etnicidade é variável, adaptando-se a diferentes contextos e alterando as concepções de tradição e cultura aos moldes necessários³¹. Entretanto, muitas das abordagens instrumentalistas oferecem explicações reducionistas ao definir que o âmago de um grupo é formado pelo seu padrão de comportamento e mutabilidade³². Além disso, a excessiva preocupação com os fatores econômicos e políticos resulta em uma negligência das dimensões culturais e psicológicas da

²⁸ “*aimed to establish the subjective self-ascriptive understandings of ethnic identities, which stands in contrast to the categorization of people into ethnic groups. [...] This resulted in the realization that both ethnic identities and the cultural expressions utilized to express them are highly mutable. Furthermore, the instrumentalists concluded that ethnic identities are expressed primarily through behavior rather than the cultural repertoire; to have an identity is to do things in a certain way. Since ethnicity is mutable, persons can also shift identities.*” Ibid.

²⁹ Barth, 1969, p. 24.

³⁰ “*An ethnic group is not simply the sum total of its individual members, and its culture is not the sum total of the strategies adopted by independent individuals. Norms and beliefs and values are effective and have their own constraining power only because they are the collective representations of a group and are backed by the pressure of that group.*” Cohen, 1974, p. xiii.

³¹ Jones, 1997, p. 76.

³² Bentley, 1987, p. 48.

etnicidade³³. Decorrente disso é a suposição da racionalidade do comportamento humano, sempre buscando os melhores resultados possíveis, e ignorando a possibilidade de diferentes grupos (ou membros de um mesmo grupo) interpretarem as condições de formas diferentes e, portanto, tomar diferentes ações³⁴. Jones sumaria as contribuições instrumentalistas:

No geral, as abordagens instrumentalistas contribuíram para a análise comparativa de grupos étnicos - sua ligação com relações socioeconômicas e políticas, manutenção de fronteiras, e relações inter-étnicas; aspectos que são negligenciados por abordagens primordialistas. Entretanto, abordagens instrumentalistas tendem a ser reducionistas e não conseguem explicar o surgimento de grupos étnicos. Ademais, assim como os proponentes da perspectiva primordialista, abordagens instrumentalistas não fornecem uma teoria adequada sobre o relacionamento entre cultura e etnicidade.³⁵

Em uma tentativa de conciliar ambas as perspectivas e preencher suas lacunas explicativas, assumiu-se no estudo teórico da etnicidade que o indivíduo é moldado por suas experiências, influenciadas pelo contexto sociocultural, e que ele, por sua vez, influencia seu contexto e as experiências de outros³⁶. Ou seja, compreende-se a etnicidade como podendo ser formulada através de fatores mutáveis (seja através de interações sociais, seja através de interesses político-econômicos), porém ainda calçada em fatores semi-permanentes ou de lenta mutação (como os laços sanguíneos e a língua). Com essa dualidade em mente, diversas propostas para características a serem observadas para a averiguação da existência de uma etnicidade passaram a ser apresentadas. A. Bernard Knapp (2014) aponta que algumas dessas características comumente vistas são

³³ Jones, 1997, pp. 77-78.

³⁴ Sharp, McAllister, 1993, p. 20.

³⁵ “Overall, instrumentalist approaches have contributed to the comparative analysis of ethnic groups - their relation to socio-economic and political relations, boundary maintenance, and inter-ethnic relations; aspects which are neglected by primordialist approaches. However, instrumentalist approaches tend to be reductionist and fail to explain the generation of ethnic groups. Moreover, like the proponents of the primordial perspective, instrumental approaches do not provide an adequate theory of the relationship between culture and ethnicity.” Jones, 1997, p. 79.

³⁶ Siapkas, 2014, p. 72.

um nome ou ancestralidade comuns; um território específico ou “pátria”; uma linguagem, religião, ocupação ou memória histórica compartilhadas; tradições culturais em comum, mesmo uma sensação de solidariedade.³⁷

Knapp indica, entretanto, que esses fatores não indicam a etnicidade *per se*: por exemplo, não poderíamos assumir que os detentores de uma linguagem constituam uma única etnicidade, nem que o mero pertencimento a uma localidade ou comunidade possam defini-la.³⁸ Gregory Smoak apresenta uma perspectiva semelhante, acrescentando à ancestralidade comum uma “história de origem”, à memória compartilhada componentes míticos e que não há a necessidade de uma interação social concreta.³⁹

Harald Haarmann, por outro lado, dá maior ênfase ao papel da linguagem, afirmando-a como um dos principais indicadores de etnicidade e com papel crucial para seu desenvolvimento, devido a sua importância na construção de discursos.⁴⁰ Além disso, apresenta um complexo e minucioso esquema para a compreensão de fatores que podem compor identidades coletivas:

(a) Descendência

Perfis genéticos podem oferecer a oportunidade de especificar as características antropológicas como indicadores de etnicidade pelos quais populações locais se distinguem entre si (apesar disso permanecer controverso e correr o risco de criar um novo reducionismo, de acordo com o qual os pesquisadores podem produzir as próprias comunidades que buscam identificar geneticamente)

(b) Componentes de ecologia humana:

(i) Relacionamento entre o ambiente natural e o espaço cultural (“*landscape*”)

(ii) Tipos e estilos de moradias

(iii) Disposição de assentamentos

(iv) Arquitetura

³⁷ “*a common name or ancestry; a particular territory or ‘homeland’; a shared language, religion, occupation, or historical memory; or common cultural traditions, even a sense of solidarity.*” Knapp, 2014, p. 35.

³⁸ *Ibid*, 38.

³⁹ Smoak, 2006, p. 5.

⁴⁰ Haarmann, 2014, p. 18.

(v) Tecnologias (e.g., produção de ferramentas, cerâmica, tecelagem, metalurgia, trabalhos de construção, etc.)

(vi) Redes comerciais (i.e., relações de troca locais *versus* de longa distância, matéria prima *versus* produtos manufaturados)

(vii) Imagens (i.e., gêneros de art representativa: escultura em rocha ou pintura rupestre, arte móvel, ornamentos, temas decorativos)

(c) Indicadores socioculturais de etnicidade

(i) Parentesco (i.e., família nuclear, família estendida, linhagens)

(ii) Componentes comportamentais (i.e., costumes e tradições: vestimentas, organização da vida diária, etc.)

(iii) Atividades formais que sustentam a vida comunitária (i.e., cantos, danças, ritos de passagem, etc.)

(iv) Enculturação (i.e., socialização da geração jovem sob os auspícios de tradições culturais específicas)

(v) Atividades instrutivas (i.e., divisão do trabalho, treinamento profissional e especialização, etc.)

(d) Sistemas de comunicação

(i) Comunicação visual (i.e., pintura corporal ou tatuagem, sistemas de emblemas e heráldicas, sistemas de notação para medir tempo, espaço e peso)

(ii) Linguagem (i.e., construção de uma cultura através da expressão em palavras da ecologia humana)

(iii) Etnonímia (i.e., origem e estrutura do nome do grupo)

(iv) Construção de conhecimento (i.e., acumulação, distribuição e aplicação de conhecimento para a melhoria da sustentabilidade da comunidade)

(v) Comunicação visual relacionada à linguagem (i.e., tecnologia de escrita)

(e) Interação e comportamento social

(i) Estratégias de interação (i.e., convenções comportamentais no contato social, interação dentro e fora do grupo, costumes de contatos interétnicos)

(ii) Comportamento relacionado à linguagem (i.e., estilos étnicos no discurso, tradição oral: cantos, mitos, narrativas, etc.)

(f) Componentes fenomenológicos de etnicidade

(i) Parâmetros de auto-identificação (i.e., atitudes em relação aos mitos de origem e à tradição mítica local em geral)

(ii) Identificação com e delimitação do espaço socioeconômico e cultural (i.e., territorialidade)

(iii) Parâmetros de categorização de Outros (i.e., estereótipos culturais sobre outras populações)

(iv) Religião e visão de mundo (i.e., parâmetros de uma espiritualidade e sistemas de crença, relacionamento com os ancestrais, politeísmo *versus* henoteísmo)

(v) Melhoria dos relacionamentos sociais, celebrações de coesão do grupo (i.e., cerimônias e rituais comunais: iniciação, troca de presentes, ação de graças, etc.)

(vi) Símbolos que propiciem a coesão do grupo (i.e., valores simbólicos cristalizados no etnônimo, significância de símbolos de autoridade e poder, etc.)

(vii) Sistema de valores (i.e., parâmetros de valores de prestígio atribuídos ao grupo, igualdade social *versus* a marcação da diferença de

gênero, delegação autoridade *versus* a marcação de status social e poder de elite)⁴¹

⁴¹ “(a) *Descent*

Genomic profiles may offer the opportunity of specifying those anthropological features as markers of ethnicity by which local populations distinguish themselves (although this remains controversial and runs the risk of creating a new reductionism, according to which researchers might produce the very communities they seek to identify genetically)

(b) *Constituents of human ecology*

(i) *The relationship of natural environment and cultural space (“landscape”)*

(ii) *Types and styles of dwellings*

(iii) *Layout of settlements*

(iv) *Architecture*

(v) *Technologies (e.g., tool industry, pottery, weaving, metalworking, construction work, etc.)*

(vi) *Trading networks (i.e., local versus long-distance trade relations, raw material versus manufactured goods)*

(vii) *Imagery (i.e., genres of representational art: rock carving or painting mobile art, ornaments, and decorative motifs)*

(c) *Sociocultural markers of ethnicity*

(i) *Kinship (i.e., nuclear family, extended family, lineages)*

(ii) *Behavioral constituents (i.e., customs and traditions: dress, organization of daily life, etc.)*

(iii) *Formal activities sustaining community life (i.e., chanting, dancing, rites of passage, etc.)*

(iv) *Enculturation (i.e., socialization of the young generation under the auspices of specific cultural traditions)*

(v) *Instructive activities (i.e., division of labor, professional training and specialization, etc.)*

(d) *Communication systems*

(i) *Visual communication (i.e., body painting or tattooing, emblematic[sic] and heraldic systems, notational systems for measuring time, space, and weight)*

(ii) *Language (i.e., constructing culture by wording human ecology)*

(iii) *Ethnonym (i.e., origin and structure of the peer group’s name)*

(iv) *Knowledge construction (i.e., accumulating, sharing, and applying knowledge for enhancing the sustainability of the community)*

(v) *Language-related visual communication (i.e., writing technology)*

(e) *Interaction and social behavior*

(i) *Interactional strategies (i.e., behavioral conventions in social contact, in-group and out-group interaction, customs of interethnic contacts)*

(ii) *Language-related behavior (i.e., ethnic styles in discourse, oral tradition: chanting, myths, storytelling, etc.)*

(f) *Phenomenological markers of ethnicity*

(i) *Parameters of self-identification (i.e., attitudes toward myths of origin and the local mythic tradition in general)*

Apesar da complexidade e minuciosidade do esquema - que Haarmann diz servir como construto teórico, tendo aplicabilidade e valores de significância diversa dependendo do grupo estudado - , podemos ver a permanência e predominância de valores semelhantes àqueles propostos por Knapp e Smoak, ainda que esmiuçados. Anthony Smith também identifica fatores semelhantes, ao apontar como componentes de uma etnicidade: um nome coletivo; um mito de ancestralidade; uma história compartilhada; uma cultura distinta e compartilhada; uma associação a um território específico; e um sentido de solidariedade comunitária.⁴² Entretanto, Jonathan Hall (1997) destaca que, desses seis pontos, os que seriam de fato definidores de uma etnicidade, em oposição a outros tipos de identidade, seriam a associação a um território específico e o mito de ancestralidade.

Quanto ao primeiro, Hall afirma que

o território específico em questão pode ser a região onde o grupo étnico reside atualmente, ou pode haver uma forte memória de uma associação a um território histórico anterior. Deslocamentos populacionais podem resultar de mudanças de fronteiras [...] ou de migração voluntária ou forçada. [...] Alternativamente, dada a natureza construtiva da identidade étnica, não é inteiramente impossível que um *Ursprungsland* étnico possa ser na verdade um território mítico, utópico.⁴³

Sobre o mito de ancestralidade, aponta que não seria necessária uma

abordagem genética à identidade étnica, porque o *mito* de ancestralidade é exatamente isso - um reconhecimento de uma *suposta* ancestralidade compartilhada. A realidade genealógica de tais reivindicações é irrelevante; o que importa é se a reivindicação de ancestralidade compartilhada é consensualmente acordada.⁴⁴

⁴² Smith, 1986, pp. 22-30.

⁴³ “*The specific territory in question may be the region where the ethnic group currently resides, or there may be a potent memory of an association with an earlier historic territory. Displacement of population may result from boundary changes [...] or from voluntary or enforced migration. [...] Alternatively, given the constructive nature of ethnic identity, it is not entirely impossible that an ethnic Ursprungsland may in fact be a mythical, utopian territory.*” Hall, 1997, p. 25.

⁴⁴ “*a genetic approach to ethnic identity, because the myth of descent is precisely that - a recognition of a putative shared ancestry. The genealogical reality of such claims is irrelevant; what matters is that the claim for shared descent is consensually agreed.*” Ibid.

A razão para Hall priorizar esses dois elementos ante os demais é por serem elementos de composição de um discurso acerca das origens de uma dada etnicidade. Hall argumenta que as formas culturais e demais componentes comportamentais de um grupo podem vir a *reforçar* a etnicidade construída através do discurso (que se forma sobre as bases de um mito de ancestralidade e associação a um território), mas que elas não podem *definir* essa etnicidade.⁴⁵ De fato, tal argumentação se apresenta especialmente válida ao tratarmos de discursos externos ao grupo retratado, como o caso que analisaremos nos capítulos subsequentes. Tratando-se de uma visão externa, o comportamento e a cultura do grupo podem sofrer uma distorção de forma a tornar-se mais pitoresca a fim de apresentar ainda maior contraste com o comportamento e a cultura do grupo alvo, podendo por vezes transpor características semelhantes (porém distintas) entre grupos e, assim, desarmar sua unicidade. Por outro lado, o caráter do discurso construído dentro da própria comunidade é de mais complicada distorção, pela própria natureza da proposição do autor de descrever determinado grupo.

⁴⁵ Ibid, p. 40.

3. Romanização

Assim como a etnicidade é um construto sociocultural fluido, fruto de um discurso, a romanização deve ser encarada como um construto cultural que se adapta à situação contemporânea na qual o estudioso a aplica⁴⁶. Francis Haverfield, por exemplo, estava preocupado com a situação colonial inglesa quando desenvolveu, em 1905, a primeira análise de um processo que nomeou por “romanização”, um “processo civilizador [...] pelo qual não romanos eram ‘dados’ uma nova língua, cultura material, arte, vida urbana e religião”⁴⁷. Jones aponta que essa concepção de romanização possuiria paralelos com o conceito de aculturação utilizado pela antropologia e sociologia entre a segunda e sexta décadas do século XX, tendo em vista que ambos conceitos foram desenvolvidos dentro de um pensamento derivado da era colonial e no interesse da assimilação e modernização de sociedades não ocidentais, e também que ambos conceitos assumiriam que o contato cultural e a conquista resultariam em uma rápida transmissão dos traços e ideias culturais⁴⁸. Jones afirma ainda que a romanização

Primariamente é usada para interpretar o processo cultural que resulta da interação entre duas culturas supostamente distintas. A natureza dessa mudança foi assumida pela maioria como envolvendo a adoção progressiva da cultura romana por povos nativos, incluindo a fala e maneiras romanas, leis, vida urbana, economia, cultura material, arquitetura e assim em diante.⁴⁹

⁴⁶ Hingley, 2005, p. 15.

⁴⁷ “civilizing process [...] the means by which non-Romans were ‘given’ a new language, material culture, art, urban lifestyle, and religion.” Webster, 2001, p. 211.

⁴⁸ Jones, 1997, pp. 33-34.

⁴⁹ “Primarily it is taken to describe the cultural processes which result from the interaction between two supposedly distinct cultures. The nature of this change has been assumed by most to involve the progressive adoption of Roman culture by indigenous populations, including Roman speech and manners, political franchise, town life, market economy, material culture, architecture and so on.” Ibid.

Fica patente a noção de submissão do povo dominado ao dominante, onde o primeiro passivamente assimilaria as características sociais, culturais, políticas e econômicas do segundo. Podemos, ainda, ver em muito uma transposição das questões nacionalistas desenvolvidas na Europa em fins do século XIX. Dentro de um contexto de diversos Estados multinacionais (como o Império dos Habsburgos), onde minorias nacionais reivindicavam a formação de seus próprios (micro)Estados soberanos que, sob a perspectiva da época, eram indesejáveis e incontroláveis, cria-se o mito da nação etnolinguística.⁵⁰ Da mesma forma que o occitano e o provençal foram praticamente extintos e as populações passaram a ser francesas, assumiu-se em linhas gerais que o mesmo processo ocorria nas populações dominadas pelos romanos.

Com os movimentos do pós-colonialismo e pós-modernismo, foram desenvolvidas outras interpretações na tentativa de compreensão desse processo. Kathryn Lomas aponta a romanização como

a transição [para] um grupo caracteristicamente romano de atributos e suposições, assumindo que a velocidade e modo de transmissão e a natureza de sua recepção varia de acordo com a natureza do recipiente e o nível social e econômico no qual a transmissão opera em qualquer dado momento.⁵¹

A definição apresentada por Lomas denota uma relativização do processo levando em conta as percepções pós-coloniais de uma gradação e, de certa forma, resistência à total adoção cultural compreendida anteriormente como fator intrínseco ao processo. Jones aponta essa mudança de concepção, ao dizer que há sugestões de que, apesar dos romanos poderem ter encorajado a prática de seus costumes, grande parte do ímpeto para essa adoção viria da

⁵⁰ Hobsbawm, 2016, pp. 226-228.

⁵¹ “*The transition [to] a characteristically Roman set of cultural attributes and assumptions, assuming that the speed and mode of transmission and the nature of their reception vary according to the nature of the recipient and the social and economic level at which the transmission operates at any given moment.*” Lomas, 1995, p. 109.

própria localidade⁵². Além disso, teria sido apresentada a proposta da romanização como um processo de duas vias, onde os romanos adotariam também costumes dos locais, mas que continua sendo assumido que a romanização continua sendo interpretada primariamente como a adoção dos costumes romanos pela população local.⁵³

Tais percepções vão ainda ao encontro de uma transição do pensamento de “raça” para “etnicidade”, o que alguns autores apontam como sendo uma mera mudança de terminologia, e não de quadro mental.⁵⁴ Seria mais uma alteração do paradigma biológico para o cultural do que uma saída do tempo na qual “raça” fizesse sentido; de fato, “é significativo que nesse campo não haja nada que lembre remotamente um termo de análise neutro que não venha com uma copiosa bagagem teórica”.⁵⁵ Achille Mbembe, versando sobre o período pós-colonial africano, coloca a questão da raça como uma oposição de cultura “autêntica” e “não autêntica”:

[...] os ex-colonizados atribuem uma série de características pseudo-históricas a uma entidade geográfica que está, ela mesma, subsumida a um *nome racial*. Estas características e este nome são, então, utilizados para identificar ou tornar possível o reconhecimento daqueles que, por possuírem tais características ou ostentarem tal nome, são considerados como pertencentes à coletividade racial e à entidade geográfica, assim definidas. À guisa de “falar com a própria voz”, a figura do “nativo” é reiterada. Fronteiras entre o “nativo” e o Outro, “não nativo”, são demarcadas. Com base nestas fronteiras, pode-se, assim, distinguir entre o “autêntico” e o “não-autêntico”.⁵⁶

O próprio estudo da romanização é uma análise desse embate entre o “autêntico” e o “não autêntico, tendo por base a premissa da existência de de duas (ou mais) culturas “puras”

⁵² Jones, 1997, p. 34.

⁵³ Ibid, p. 33.

⁵⁴ Morley, 2004, p. 94.

⁵⁵ “It is significant that in this field there is nothing remotely resembling a neutral term of analysis that does not come with copious theoretical baggage.” Ibid, p. 92.

⁵⁶ Mbembe, 2011, p. 177.

que entram em alguma espécie de unicidade sinérgica⁵⁷. Ainda que apareçam conceitos como hibridização, a dualidade de misturas e compostos e a crioulização, que trataremos a seguir e que denotam um constante embate e troca entre diferentes culturas e não meramente uma aculturação por parte do grupo dominador, prevalece em parte dos casos a concepção da identificação de culturas ou etnicidades “puras”, que pode ser visivelmente distintas mesmo após o processo derivado do encontro das mesmas. Vejamos, então, essas três propostas de compreensão dos encontros de duas ou mais culturas ou etnicidades.

O conceito de hibridização, de acordo com Gary Reger (2014) “parece atualmente o termo genérico preferido, talvez por derivar sua força [...] de uma fácil mobilidade entre disciplinas [...] Apesar do tom biológico, é um termo forte principalmente no campo dos estudos literários”⁵⁸. A metáfora, emprestada da criação de animais e da agronomia, está longe de ser neutra, podendo ser facilmente levada a aplicações racistas.⁵⁹ Ainda de acordo com Reger,

Agrônomos buscando melhorar aspectos da performance de um cultivo - resistência a doenças, perduro em condições não-ideais, e assim por diante - podem tentar misturar os genomas de diferentes cepas da mesma espécie com diferentes características; o resultado pode ser uma nova cepa do mesmo cultivo mas melhor adaptada a condições específicas. Tal cepa nova é um híbrido. [...] Sucesso na hibridização ocorre não apenas quando a nova cepa demonstra as características desejadas, mas também quando ela se “procria verdadeiramente”, isto é, quando a descendência do cultivo hibridizado preserva e exhibe essas características.⁶⁰

⁵⁷ Reger, 2014, p. 114.

⁵⁸ Hannerz, 1997, p. 29.

⁵⁹ Reger, 2014, p. 114.

⁶⁰ “Agronomists seeking to improve aspects of a cultivar’s performance - resistance to disease, yield in less-than-ideal conditions, and so on - may try to blend the genomes of different strains of the same species with different characteristics; the result may be a new strain of the same cultivar but better adapted adapted to specific conditions. Such a new strain is a hybrid. [...] Success in hybridization occurs not only when the new strain displays the characteristics desired, but also when it ‘breeds true’, that is to say that offspring of the hybridized cultivar preserve and exhibit those characteristics.” Ibid.

As conotações racistas possivelmente extraídas desse conceito derivam de seu sentido original ser do desenvolvimento de um híbrido “superior” ao elemento anterior, podendo levar à compreensão de que assimilação de uma dada cultura ou raça por outra (possivelmente considerada superior) resultará na melhoria da primeira. Tendo em vista as limitações teóricas e propensões ainda facilmente tendenciosas ao racismo, Reger tenta propor uma nova nomenclatura, desta vez emprestada da química: a dualidade de misturas e compostos.

As misturas seriam “múltiplas identidades étnicas que [...] consistem the identidades separadas que podem ser utilizadas conjunta ou separadamente, dependendo da situação”⁶¹. Já os compostos seriam as “etnicidades híbridas genuínas [...] algo novo confeccionado pela junção criativa dos elementos constituintes, que não podem mais ser tão facilmente separados”⁶². Entretanto, a proposta de Reger continua sendo de um aspecto genuíno, “autêntico”, de uma identidade híbrida que se estrutura a partir do contato de outras identidades originais e “puras”. Por um lado, apesar de ser compreensível a articulação dos elementos que definem a etnicidade de um grupo dependendo da situação ou dos objetivos do mesmo (como vimos anteriormente), isso não resulta na adoção de etnicidades distintas pelo grupo, conforme propõe o conceito de misturas. Por outro, os compostos se apresentam como etnicidades híbridas “genuínos”, propondo a existência de híbridos que não o sejam, e infere ainda a possibilidade de separação (ainda que difícil) de seus “elementos constituintes”. É inegável que, ao se analisar uma dada etnicidade, em especial tendo conhecimento de quais encontros culturais e étnicos foram desenvolvidos pela mesma anteriormente, é possível identificar elementos que podemos supor serem de alguma forma originários de uma ou outra

⁶¹ “multiple ethnic identities that [...] consist of separate identities that can be deployed together or separately, as circumstances dictate.” Reger, 2014, p. 121.

⁶² “genuinely hybrid ethnicity [...] something new confected by the creative conjunction of constituent elements, which can no longer be so easily separated out.” Ibid.

etnicidade. Entretanto, afirmar a possibilidade de *separação* desses elementos constitui em uma negação da pluralidade de desenvolvimento da etnicidade através dos diversos encontros que podem ter ocorrido através do tempo.

Desta forma, é necessário manter em mente a existência dessa pluralidade e relatividade. Podemos ver essa presença na religião romana, como aponta Jörg Rüpke quando argumenta a existência de uma oposição entre diferentes religiões delimitadas regional ou localmente dentro do que entendemos por religião romana, podendo falar de fato sobre “religiões das divindades”; ou seja, uma religião distinta pertinente a cada diferente divindade e apenas a ela.⁶³Esse aspecto não se limita apenas ao espectro religioso; como afirma Webster, “a cultura romana obviamente nunca foi estática: ela compunha um fluido repertório de estilos e práticas alteradas nada menos ao absorver e adaptar a cultura das províncias”⁶⁴, províncias essas que já eram por si só de uma cultura fluida devido às constantes trocas culturais proporcionadas, por exemplo, pelo comércio. Parece necessário pensar esse aspecto plural e mutável, onde o “puro” e “autêntico” dá lugar a um mar de diferentes *mélanges*, gerando entre si infinitas e distintas etnicidades. O conceito de crioulização, oriundo dos estudos linguísticos definindo a fusão de duas línguas e utilizado mais geralmente para a compreensão da formação das sociedades latino-americanas e caribenhas⁶⁵, aparece como mais satisfatório nessa empreitada. Conforme coloca Ulf Hannerz,

A identificação de culturas crioulas chama a atenção para o fato de que algumas culturas não são visivelmente tão “limitadas”, “puras”, “homogêneas” e “atemporais” quanto a tradição antropológica muitas vezes retrata; e na medida em que também nesse caso há uma postura de

⁶³ Rüpke, 2014, p. 472.

⁶⁴ “Roman culture was of course never static: it comprised a fluid repertoire of styles and practices altered, not least, by absorbing and adapting influences from the provinces.” Webster, 2001, p. 210.

⁶⁵ Ibid, p. 217.

exaltação da hibridez, pode-se pensar que uma parte da vitalidade e criatividade dessas culturas tem origem exatamente na dinâmica da mistura. [...]

Em um momento ou outro da história, nós ou nossos antepassados podemos ter passado pela crioulização, mas não estamos envolvidos eternamente nesse processo, nem o fomos necessariamente no mesmo grau.⁶⁶

A crioulização contrapõe a espécie de aculturação proposta pela romanização e a “autenticidade” exigida pela hibridização e a dualidade de misturas e compostos. Ela propõe a possibilidade do uso de costumes oriundos de uma dada etnicidade em uma outra etnicidade, porém de acordo com normas sociais ou culturais inexistentes na primeira mas características da segunda.⁶⁷ Dessa forma, de fato é construída uma nova etnicidade, que com o tempo continua se moldando e modificando conforme as circunstâncias e necessidades do grupo. Assim, o argumento de Hannerz parece precário apenas quando afirma que não estaríamos “envolvidos eternamente nesse processo”. É preciso ter em mente a afirmação de Hans Kellner, dizendo que os “historiadores não ‘encontram’ a verdade de eventos passados; eles criam eventos a partir de um fluxo contínuo, e inventam significados que produzem padrões dentro desse fluxo”⁶⁸. Logo, o processo seria “eterno” exatamente pela contínua releitura da etnicidade feita por seus estudiosos e, dependendo do caso, seus membros.

Aceitando o texto como criação compartilhada entre leitores e autores, sem necessária correspondência com uma realidade externa⁶⁹, seria, como propôs Frank Ankersmit, “o momento de *pensar* sobre o passado, mais do que *investigá-lo*”⁷⁰. Ao invés de investigar sua formação, pensaremos nos próximos capítulos a existência ou não de uma etnicidade gaulesa

⁶⁶ Hannerz, 1997, p. 28.

⁶⁷ Webster, 2001, p. 218.

⁶⁸ “*Historians do not ‘find’ the truths of past events; they create events from a seamless flow, and invent meanings that produce patterns within that flow.*” Kellner, 1989, p. 24.

⁶⁹ Breisach, 2003, pp. 78-79.

⁷⁰ Ankersmit, 2001, p. 131.

ou das diferentes tribos presentes na região, tomando por base os parâmetros que podem ser considerados consensuais pelos especialistas para a formação de uma etnicidade: um nome coletivo; um mito de ancestralidade; uma história compartilhada; uma cultura distinta e compartilhada (religião, hábitos, língua etc.); uma associação a um território específico; e um sentido de solidariedade comunitária. Entretanto, manteremos em mente as percepções de pluralidade e relatividade desenvolvidas no presente capítulo, assim como os conceitos propostos como primordiais por Jonathan Hall - um mito de ancestralidade e uma associação a um território específico -, aos quais daremos maior ênfase.

Capítulo II: O general político

Caio Júlio César é uma das personagens históricas que permeia o imaginário ocidental, dispensando grandes apresentações. Tal fato pode ser atestado não apenas por sua recorrente presença na cultura popular, mas também pelo uso de variações de seu nome como o título dado aos governantes máximos de grandes impérios, como o alemão (Kaiser) e russo (Tsar), como aponta Miriam Griffin (2009). Griffin ainda indica que as obras de César seriam lidas “por governantes e generais como o Imperador Carlos V, Solimão o Magnífico, Rei Luís XIV, e ambos Napoleão, para sua própria instrução”¹. Entretanto, tratando-se dos *Comentarii de Bello Gallico*, ou Comentários sobre a Guerra Gálica (doravante *BG*), alguns comentários podem ser de interessante apresentação, devido a sua direta influência na forma de representação nele presente quanto aos gauleses. Desta forma, antes de nos dedicarmos à análise propriamente dita da presença dos fatores definidos no Capítulo I, dissertaremos brevemente sobre as discussões quando às circunstâncias de publicação e de um caráter propagandístico ou não do *BG* e a influência de uma tradição de escrita etnográfica na obra.

¹ “[...] by rulers and generals like the Emperor Charles V, Suleiman the Magnificent, King Louis XIV, and both Napoleons, for their own instruction” Griffin, 2009, p. 1.

1. Publicação e propaganda

As controvérsias acerca das circunstâncias de publicação do *BG* iniciam-se com o próprio título da obra. Apesar de comumente referenciado nos dias atuais como *Comentarii de Bello Gallico*, Francis W. Kelsey (1905) apresenta argumentos a favor de um nome alternativo que teria sido originalmente atribuído à obra. Kelsey afirma que não apenas seria desnecessário incluir no título o local do desenrolar dos eventos contemporâneos à publicação, mas que também César “não era tão sem tato a ponto de caracterizar a obra na qual ele dava ao povo romano um relato de sua administração através de um termo exclusivamente, para alguns ofensivamente, militar”². O título proposto de *C. Iuli Caesaris Comentarii Rerum Gestarum* não apenas corresponderia a esses fatores, mas também se valeria de precedentes literários³.

Dessa maneira, seria ainda mais fácil de, possivelmente, obscurecer os propósitos da obra. Como coloca Christina S. Kraus (2009), somos “incapazes de concordar acerca de sua intenção, declarando-a tanto propagandística quanto inocente”⁴. César aumenta ainda mais essa dificuldade através do modo pelo qual desenvolve a narração, utilizando-se do narrador em terceira pessoa, de uma linguagem concisa e direta (como coloca Kelsey, César não era um homem de desperdiçar palavras⁵) e de uma narrativa envolvente, alternando descrições mais densas a correlações à realidade conhecida por seu público. Kelsey elucida:

² “*was not so lacking in tact as to characterise the work in which he gave to the Roman people an account of his stewardship by a term exclusively, to some offensively, military*” Kelsey, 1905, p. 231.

³ Ibid, p. 233.

⁴ Kraus, 2009, p. 159.

⁵ Kelsey, 1905, p. 231.

Uma principal distinção da Guerra Gálica como uma narrativa de eventos ao mesmo tempo verídica e favorável ao autor reside na destreza com a qual César, o escritor, discretamente leva o leitor, passo a passo, a ver como César, o procônsul, visando proteger os interesses que Roma já possuía na Gália, fora obrigado a realizar o trabalho de conquistar de um palco a outro até que toda região fosse subjugada.⁶

Esses argumentos levam a um favorecimento da percepção do *BG* como instrumento de propaganda política. Nisto, é premente ressaltar dois fatores intimamente conectados. O primeiro diz respeito à acuidade factual da narrativa de César. Há um consenso na impossibilidade da mera invenção ou lembrança dos fatos no momento da escrita. Ou seja, César não se basearia apenas em lembranças vagas dos eventos ocorridos, tampouco usaria do artifício da invenção de fatos para escrever sua obra. Essa falta de acuidade se enquadraria como uma característica da tradição de escrita etnográfica, na qual o relato de dados não confirmados ou mesmo improváveis seria uma questão mesmo de estilo. Como colocado por Charles W. Fornara (1988), tal falta de acuidade jamais poderia ser considerada como causada “por alguma deficiência na percepção histórica dos antigos”⁷. Além disso, pode-se argumentar que César tenha inferido ou mesmo vivenciado diretamente circunstâncias ou eventos mais precisos do que aqueles por ele narrados, mas tenha utilizado a falta de acuidade para melhor servir seus propósitos imediatos.⁸

Por outro lado, os relatos deveriam ser verossímeis e também de alguma forma fidedignos àquilo já relatado anteriormente. C.E. Stevens (1952) postula que, no caso de César, a narrativa dos fatos é baseada nos despachos anuais ao senado romano, apesar de passível de modificações:

⁶ “*A chief distinction of the Gallic War as a narrative of events at the same time truthful and favourable to the author, lies in the skill with which Caesar the writer unobtrusively leads the reader, step by step, to see how Caesar the proconsul, in order to protect the interests which Rome already had in Gaul, was obliged to carry the work of conquering on from one stage to another until the whole country was subdued.*” Ibid, p. 231.

⁷ “*by some deficiency in the historical sense of the ancients*” Fornara, 1988, p. 15.

⁸ Riggsby, 2006, p. 18.

Eles [os fatos] são baseados nos despachos anuais e a história pode ser contada em geral como uma história direta, salvo que ela pode ser modificada para manter a *felicitas* de César mais claramente à vista e para obscurecer qualquer conexão entre suas atividades na Gália e as políticas da cidade: César deve ser do começo ao fim o servo desinteressado do *populus Romanus*.⁹

O segundo fator diz respeito ao público alvo de César. Como o senado já estaria sendo periodicamente informado sobre o desenrolar das ações desenvolvidas por César em campanha, não seria necessário novamente informá-lo quanto a seus feitos. Ademais, a propaganda dificilmente mudaria o posicionamento daqueles que o opunham politicamente. Aliando-se a isso o modo pelo qual desenvolve sua narrativa, T.P. Wiseman (1998) aponta que o público alvo almejado por César seria na verdade a população romana.¹⁰ Essa proposição é reforçada por Wiseman quanto este destaca a existência de uma tradição de leitura da história como entretenimento popular sendo, por conseguinte, era direcionada ao público mais amplo possível, a fim de fornecer uma constante e contínua apresentação dos feitos de César em campanha¹¹:

Na Roma tardo-republicana, a narrativa histórica era um entretenimento popular [...] Desde o começo, a história havia sido escrita para ser lida em voz alta [...] A publicação era a performance pública; o texto escrito era para a ‘consulta pelos educados’¹²

⁹ “*They are based on the annual despatches and the story can be told in the main as a straight story, save that it may be modified to keep Caesars felicitas more clearly in view and to obscure any connexion between his activities in Gaul and the politics of the city: Caesar must be throughout the disinterested servant of the populus Romanus.*” Stevens, 1952, p. 179.

¹⁰ Wiseman, 1998, pp. 4-5.

¹¹ Acerca da periodicidade dessa apresentação, ou seja, da publicação da obra, cf. Rambaud, 1952 e Wiseman, 1998. Andrew M. Riggsby argumenta, entretanto, que “*the question of the timing of composition of De Bello Gallico is one where we are left assessing comparative probability, not stablished fact*” (Riggsby, 2006, p. 11).

¹² “*In late-republican Rome historical narrative was popular entertainment. [...] From the beginning, history had been written to be read aloud. [...] Publication was the public performance; the written text was for ‘consultation by the educated’.*” Ibid.

Como postulado por Andrew M. Riggsby (2006), haveria um “óbvio valor para César em manter o público informado de seus feitos ao longo da guerra”¹³. Desta forma, a propaganda política executada por César visava angariar o apoio e aclamação popular. Como colocado por Stevens, César buscava apresentar-se como um “um servo desinteressado do *populus Romanus*”¹⁴.

¹³ “*obvious value to Caesar in keeping the public aware of his deeds throughout the war*” Riggsby, 2006, p. 11.

¹⁴ “*disinterested servant of the populus Romanus.*” Stevens, 1952, p. 179.

2. Tradição de escrita etnográfica

Conforme apontado no primeiro capítulo, a questão da descrição territorial, tão ligada à descrição do povo em si, ancora-se em muito na tradição de escrita historiográfica. No caso de César, além da “semente” da associação entre território e população estabelecida por Hecateu de Mileto¹⁵, podemos estabelecer um paralelo mais concreto em relação às *Histórias* de Heródoto. François Hartog (2014), aponta que Heródoto, quando busca aproximar o povo descrito à realidade de seu público, se utiliza de uma descrição mais detalhada de seu território¹⁶. Da mesma forma, César utiliza uma maior precisão territorial a fim de delimitar seu campo de ação, levando seu público a focar apenas naquilo que julga pertinente. A faceta mais explícita dessa precisão é a delimitação do próprio território da Gália: sua divisão tripartite e seu limite com a Germânia fixado no rio Reno.

Na abertura de sua obra, em *BG* I.1, César define a divisão de toda Gália em três partes, procedendo às fronteiras entre essas três partes e seus povos. Christopher Krebs (2006) aponta que esse início demonstra não apenas um conhecimento da região, mas um verdadeiro domínio intelectual e geográfico sobre as terras e povos ali compreendidos:

Apesar da ênfase em *Bellum Gallicum* I.1 ser no povo ao invés de na geografia, a imagem da Gália que César evoca com essa primeira frase é a de um território claramente organizado; o espaço geográfico gaulês parece ser intelectualmente dominado. [...] Assim, a primeira conquista no *Bellum Gallicum* é a da concepção geográfica romana da Gália.¹⁷

¹⁵ Marincola, 2007, p. 5.

¹⁶ Hartog, 2014, p. 233.

¹⁷ “Though the emphasis in *Bellum Gallicum* I.1 is on the people rather than on geography, the image of Gaul that Caesar evokes with this very first sentence is that of a clearly arranged territory; the Gallic geographical space seems to be intellectually mastered. [...] Thus the first conquest in the *Bellum Gallicum* is of the Roman’s geographical conception of Gaul.” Krebs, 2006, p. 114.

Tratando-se dos limites externos da Gália, o mais visível seria sua separação da Germânia pelo rio Reno. Enquanto a geografia da Gália é bem definida e seus povos catalogados e conhecidos, pouco se diz sobre o território que jaz além do Reno, fazendo-o parecer infindável¹⁸. Hester Schadee (2008) postula que essa definição cria um limite para os objetivos de César, possibilitando assim a declaração de seu sucesso através do domínio daquilo que está definido:

Configurando o Reno como fronteira, César criou um limite aparentemente objetivo à sua campanha. Ele nitidamente separou a Gália da vastidão inexplorada do norte europeu, o que o permite definir o sucesso ao afirmar conclusão.¹⁹

Tal limitação apresenta, ainda, a faculdade de permitir uma possibilidade de inclusão dos gauleses na sociedade, em detrimento aos germanos. Ellen O’Gorman (2012) aponta a impossibilidade da existência de uma apresentação de dois tipos de bárbaros distintos em um discurso, tendo em vista que “o discurso da representação bárbara no mundo antigo é em muito um discurso de dualidade, polaridade, de ser ou um ou o outro, [...] se dois tipos de barbarismo são representados, um será assimilado ao romano”²⁰, conforme mencionamos no primeiro capítulo. Dessa forma, a absorção dos gauleses se apresenta como possível, o que apaziguaria a região, e necessária, para fazer frente ao perigo demonstrado pelos germanos.²¹

Antes de iniciarmos a análise das descrições apresentadas por César acerca dos gauleses, apresentaremos um último ponto tratando da influência da tradição de escrita etnográfica na obra de César. Encontrado primariamente no tratado *Ares, Águas e Lugares*, de

¹⁸ “*the territory beyond the Rhine seems to extend endlessly*” Ibid, p. 120.

¹⁹ “*Setting up the Rhine as boundary, Caesar has created an apparently objective limit to his campaign. He has neatly separated Gallia from the uncharted vastness of northern Europe, which allows him to define success by claiming completion.*” Schadee, 2008, p. 163.

²⁰ “*The discourse of barbarian representation in the ancient world is very much a discourse of duality, polarity, of being either one or the other, [...] if two types of barbarianism are represented, one will be assimilated to the Roman.*” O’Gorman, 2012, p. 112.

²¹ Riggsby, 2006, pp. 22-23.

Hipócrates, a relação entre a geografia da localidade habitada e seus habitantes é por diversas vezes apresentada no *BG*, como veremos na terceira parte do presente capítulo. No parágrafo XXIV do *Ares, Águas e Lugares*, Hipócrates descreve os habitantes de regiões montanhosas terão naturalmente propensão à selvageria e animalidade. A primeira associação entre esses dois fatores por César se encontra em *BG* I.2, quando inicia sua descrição dos helvécios:

[...] de todos os lados se veem os helvécios estreitos pela natureza do lugar; de uma parte, pelo Rim, mui largo e profundo rio, que os extrema dos germanos; de outra, pelo Jura, monte altíssimo, que se interpõe entre eles e os sequanos; de outra enfim, pelo lago Lemano e rio Ródano, que deles extrema a nossa província. Originava-se daí poderem estender-se menos, e menos facilmente fazer guerra aos vizinhos; o que, para gente tão belicosa, era ocasião de grande mágoa.²²

²² “ [...] *quod undique loci natura Helvetii continentur: una ex parte flumine Rheno latissimo atque altissimo, qui agrum Helvetium a Germanis dividit; altera ex parte monte Iura altissimo, qui est inter Sequanos et Helvetios; tertia lacu Lemanno et flumine Rhodano, qui provinciam nostram ab Helvetiis dividit. His rebus fiebat ut et minus late vagarentur et minus facile finitimis bellum inferre possent; qua ex parte homines bellandi cupidi magno dolore adficiabantur.*” *BG* I.2.

3. Descrições dos gauleses

Destarte, é preciso que façamos uma breve ressalva. Dividiremos nesta terceira parte os parâmetros definidos no primeiro capítulo em dois grupos. O primeiro engloba a presença de um nome coletivo, de uma história compartilhada, de uma cultura distinta e compartilhada (religião, hábitos, língua etc.) e de um sentido de solidariedade comunitária. O segundo compreende a presença de um mito de ancestralidade e uma associação a um território específico. Essa divisão serve a evidenciar no segundo grupo os dois fatores que Jonathan Hall julga como mais pertinentes para a definição de uma etnicidade, conforme também indicado no primeiro capítulo.

3.1 Nome, história, cultura e solidariedade

O nome dos gauleses é o primeiro problema encontrado na busca dos parâmetros. Apesar de diversas referências aos “povos gauleses” e “toda Gália” no decorrer do texto (como veremos mais a frente), poucas vezes especifica-se um nome geral aos seus habitantes. Em *BG* I.1, ao dividir toda Gália em três partes, César afirma que “uma das quais é habitada pelos belgas, outra pelos aquitanos, e uma terceira por um povo chamado em sua própria língua celtas, no latim gauleses”²³.

No decorrer da obra, César procede ainda à nomenclatura das diversas tribos da Gália, o que aumenta o problema presente na identificação de um nome único, tendo em vista a

²³ “[...] *quarum unam incolunt Belgae, aliam Aquitani, tertiam qui ipsorum lingua Celtae, nostra Galli appellantur.*” *BG* I.1.

constante luta desses entre si, suas próprias subdivisões e descrição mesmo quando se transmitindo a ideia de uma certa união entre os gauleses²⁴. O problema não é facilitado pela enorme quantidade de tribos descritas, sendo apenas na região a ser conquistada²⁵ enumeradas nada mais nada menos que oitenta e cinco tribos diferentes (seguindo a ordem dos livros e em ordem alfabética, segundo os nomes apresentados por H.J. Edwards): livro I, *aedui, ambarri, arverni, bituriges, boii, caturiges, ceutrones, graioceli, helvetii, latobrigi, lingones, rauraci, ruteni; santoni, segusiavi, sequani, tigurine* (cantão dos helvécios), *treveri, tulingi, verbigene* (cantão dos helvécios); livro II, *aduatuci, ambiani, atrabates, aulerci, bellovaci, caeroesi, caleti, condrusi, curiosolitae, eburones, esubii, menapii, morini, nervii, osismi, paemani* (chamados *germani*), *redones, remi, senones, suessiones, veliocasses, veneli, veneti, viromandui*; livro III: *ambiliati, ausci, bigerriones, cocosates, diablintes, ebuovices, elusates, garumni, gates, lexovii, namnetes, nantuates, pictones, ptianii, seduni, sibuzates, sotiates, tarbelli, tarusates, veragri, vocates*; livro V, *armoric, geidumni, grudii, levaci, pleumoxii*; livro VI, *parisii*; livro VII, *ambibarii, ambivareti, andi, aulerci cenomani, blannovii, cadurci, eleuteti, gabali, lemovices, mediomatrici, nitobriges, petrocorii, turoni, vellavii*. Entretanto, muitas dessas tribos são mencionadas uma única vez, sem de fato receber qualquer desenvolvimento significativo. Para Riggsby, essa disposição quase que agressiva de nomeação de tribos é uma forma de demonstrar a posse do território, ecoando estratégias de mapeamento geográfico no texto.²⁶

Ainda em *BG* I.1, como vimos acima, César coloca os belgas e aquitânios como não parte da metonímia do gaulês pela Gália; fato ainda mais relevante quando ele afirma a seguir

²⁴ Cf. *BG* VII.19: “*Hoc se colle interruptis pontibus Galli fiducia loci continebant generatimque distributi in civitates omnia vada ac saltus eius paludis obtinebant, 3 sic animo parati*”.

²⁵ Logo excluindo-se a Gália Narbonense e Cisalpina, já sob domínio romano.

²⁶ Riggsby, 2006, p. 71.

que os três diferem em leis, costumes e língua²⁷. Isso contrasta com o que afirma no sexto livro, onde opõe a Gália como um todo (e não apenas uma das três partes) aos germanos. Em *BG* VI.11, César afirma que

Na Gália, não apenas todo estado e todo cantão e distrito, mas praticamente em cada família há facções; e líderes das facções são homens que no julgamento de seus companheiros são considerados como tendo a mais alta autoridade, homens aos quais a decisão e julgamento dos maiores problemas de todos os casos e conselhos podem ser encaminhados. [...] O mesmo princípio se mantém tratando-se da Gália tomada como um todo; pois todo o corpo de estados é dividido em duas facções.²⁸

A questão da divisão da Gália em duas facções remete, ainda, ao primeiro livro. Em *BG* I.31, Diviciaco informa César sobre a divisão das tribos de toda a Gália entre aqueles sob influência dos éduos (*aedui*) e aqueles sob influência dos arvenos (*arverni*), e que a disputa pela supremacia entre as duas facções fora motivo de embates durante muitos anos: “Em toda Gália há duas facções; em uma os éduos têm a primazia, na outra os arvenos. Por muitos anos houve violenta luta entre os dois pela soberania”²⁹.

Entretanto, outras divisões podem ser encontradas no texto. César nos informa da divisão dos helvécios em quatro cantos, um dos quais composto pelos tigurines. Mesmo na unidade pela qual apresenta os helvécios, há uma distinção entre seus subgrupos: os tigurines teriam agidos de forma autônoma com o intuito de fazer guerra contra Roma no passado.

Relata César que

O nome do cantão era tigurine; pois todo o estado da Helvécia é dividido em quatro cantões. Na lembrança da geração passada, esse cantão marchou

²⁷ “*Hi omnes lingua, institutis, legibus inter se differunt*” *BG* I.1.

²⁸ “*Quoniam ad hunc locum perventum est, non alienum esse videtur de Galliae Germaniaeque moribus et quo differant hae nationes inter sese proponere. In Gallia non solum in omnibus civitatibus atque in omnibus pagis partibusque, sed paene etiam in singulis domibus factiones sunt, earumque factionum principes sunt qui summam auctoritatem eorum iudicio habere existimantur, quorum ad arbitrium iudiciumque summa omnium rerum consiliorumque redeat. [...] Haec eadem ratio est in summa totius Galliae: namque omnes civitates in partes divisae sunt duas.*”

²⁹ “*Galliae totius factiones esse duas; harum alterius principatum tenere Haeduos, alterius Arvernos. Hi cum tantopere de potentatu inter se multos annos contenderent.*”

sozinho de sua terra pátria, e assassinou o cônsul Lúcio Cássio e pôs seu exército sob o jugo.³⁰

Quanto a história dos gauleses, por vezes são apresentados fatos comuns à todos os gauleses, como “na Gália os chefes mais poderosos, e portanto com meios de contratar homens, comumente tentavam fazer de si mesmos reis”³¹. Entretanto, é mais comum que seja descrito o passado de apenas alguns grupos, sempre focando em algum valor ou poder antigo e nas vitórias em guerra. Por exemplo, a situação de que “mesmo antes da busca pela amizade de Roma, os éduos sempre mantiveram primazia sobre toda a Gália”³². Outro exemplo pode ser visto tratando-se dos belgas, afirmando-se que esses foram o único povo a resistir à invasão dos germanos, e por isso assumiam ter grande autoridade e conhecimento em assuntos militares:

Os belgas, diziam, foram o único povo que, quando toda Gália fora atormentada na geração passada, evitaram que os teutões e cimbros entrassem além de suas fronteiras; e por esse motivo se apoiavam na lembrança desses eventos para assumir grande autoridade e grande presunção em assuntos militares.³³

À primeira vista, caso semelhante é o da cultura gaulesa. Como anteriormente dito, César aponta que os três povos habitantes da Gália possuem leis, costumes e língua distintos.

Pouco é dito sobre a língua gaulesa, fora alguns termos (*celtae*, *vergobret*)³⁴ e que se utilizam de caracteres gregos para escrita - os helvécios teriam feito um registro nominal

³⁰ “*Is pagus appellabatur Tigurinus; nam omnis civitas Helvetia in quattuor pagos divisa est. Hic pagus unus, cum domo exisset, patrum nostrorum memoria L. Cassium consulem interfecerat et eius exercitum sub iugum miserat.*” BG I.12

³¹ “*ab non nullis etiam quod in Gallia a potentioribus atque iis qui ad conducendos homines facultates habebant vulgo regna occupabantur; qui minus facile eam rem imperio nostro consequi poterant.*” BG II.1

³² “[...] *omni tempore totius Galliae principatum Haedui tenuissent, prius etiam quam nostram amicitiam adpetissent.*” BG I.43

³³ “*patrum nostrorum memoria omni Gallia vexata, Teutonos Cimbrosque intra suos fines ingredi prohibuerint; 3 qua ex re fieri uti earum rerum memoria magnam sibi auctoritatem magnosque spiritus in re militari sumerent.*” BG II.4

³⁴ BG I.1; I.16.

daqueles que saíram de suas terras; César teria enviado uma mensagem para suas tropas dessa forma para que, caso nas mãos do inimigo, esses soubessem de sua iminente chegada; e o uso desses seria disseminado pela região, tanto para assuntos públicos quanto privados³⁵. Aparecem na obra mais exemplos tratando das leis e regras e costumes seguidos. César nos fala sobre o magistrado dos éduos: “a mais alta magistratura, chamado vergobret pelos éduos: o magistrado é eleito anualmente, e detém o poder de vida e morte sobre seus compatriotas”³⁶. Em respeito às tribos dos morinos e menápios, informa sobre o uso desses do território para melhor enfrentar as forças romanas, com algo semelhante ao que chamaríamos de guerra de guerrilha nos dias atuais³⁷. Sobre os aquitanos, afirma que

A regra desses homens é que em vida desfrutam de todos os benefícios com os companheiros aos quais empenharam amizade, enquanto se qualquer destino violento recaí sobre seus companheiros, eles ou enfrentam o mesmo infortúnio com eles ou tomam suas próprias vidas; e ninguém ainda na memória do homem havia recusado a morte, após a morte do companheiros cuja amizade havia se devotado.³⁸

Entretanto, César disserta em *BG* VI.20 sobre uma lei aplicada em todos os estados gauleses que possuem uma administração mais organizada. Por meio dessa, eram obrigados os homens a reportar a um magistrado todo e qualquer rumor ou relato que por ventura seus vizinhos o tenham informado e que seja de interesse público, sem comunicar a ninguém mais; pois seria reconhecido que frequentemente homens inexperientes e precipitados são aterrorizados por rumores falsos, levando-os ao crime ou a tomada de sérias decisões que não os cabem. Os magistrados, por sua vez, decidiriam o que seria próprio informar ou esconder

³⁵ *BG* I.29; V.48; VI.14.

³⁶ “[...] *qui summo magistratui praeerat, quem vergobretum appellant Haedui, qui creatur annuus et vitae necisque in suos habet potestatem.*” *BG* I.16

³⁷ *BG* III.28.

³⁸ “*quorum haec est condicio, ut omnibus in vita commodis una cum iis fruantur quorum se amicitiae dederint, si quid his per vim accidat, aut eundem casum una ferant aut sibi mortem consciscant; 2 neque adhuc hominum memoria repertus est quisquam qui, eo interfecto cuius se amicitiae devovisset, mortem recusaret.*” *BG* III.22

dos demais.³⁹ É interessante notar que César destaca essa prontidão gaulesa aos rumores e à precipitação por mais de uma vez no decorrer da obra. Em III.8 afirma que “os gauleses são repentinos e espasmódicos em seus desígnios”⁴⁰. Uma mais extensa observação quanto a essa peculiaridade gaulesa é exposta em IV.5:

[...] temendo a inconstância dos gauleses, pois eles são excêntricos em formar desígnios e tendem em geral à mudança, ele [César] considerou que nenhuma confiança deveria ser colocada neles. É de fato um hábito regular dos gauleses compelir viajantes a parar, mesmo contra sua vontade, e descobrir o que cada um deles pode ter ouvido ou aprendido sobre todos os assuntos; e nas cidades o povo comum rodeia comerciantes, obrigando-os a declarar de quais distritos eles vêm e o que eles aprenderam de lá. Tais histórias e boatos por vezes os induzem a formar planos acerca de questões vitais dos quais eles devem imediatamente se arrepender; pois eles são escravos de rumores incertos, e a maioria dos homens responde a eles em ficções feitas ao seu gosto.⁴¹

De toda forma, é nos costumes de uma forma geral onde César demonstra uma unidade entre todos os habitantes da Gália. Apesar de apresentar costumes comuns a determinadas tribos, como a morte por imolação de traidores⁴² e o recebimento e não o consentimento de reféns⁴³ por parte dos helvécios, há muito mais indícios de práticas comuns a todos os gauleses, e.g.: o método de ataque em sítio (“uma tropa de homens é colocada em torno das muralhas, e quando uma chuva de pedras de todos os lados começa a cair sobre a

³⁹ “*Quae civitates commodius suam rem publicam administrare existimantur, habent legibus sanctum, si quis quid de re publica a finitimis rumore aut fama acceperit, uti ad magistratum deferat neve cum quo alio communicet, quod saepe homines temerarios atque imperitos falsis rumoribus terreri et ad facinus impelli et de summis rebus consilium capere cognitum est. Magistratus quae visa sunt occultant quaeque esse ex usu iudicaverunt multitudini produnt. De re publica nisi per concilium loqui non conceditur.*” BG VI.20.

⁴⁰ “*sunt Gallorum subita et repentina consilia.*” BG III.8.

⁴¹ “*His de rebus Caesar certior factus et infirmitatem Gallorum veritus, quod sunt in consiliis capiendis mobiles et novis plerumque rebus student, nihil his committendum existimavit. Est enim hoc Gallicae consuetudinis, uti et viatores etiam invites consistere cogant et quid quisque eorum de quaque re audierit aut cognoverit quaerant et mercatores in oppidis vulgus circumstet quibus ex regionibus veniant quas ibi res cognoverint pronuntiare cogat. His rebus atque auditionibus permoti de summis saepe rebus consilia ineunt, quorum eos in vestigio paenitere necesse est, cum incertis rumoribus serviant et pleri ad voluntatem eorum ficta respondeant.*” BG IV.5

⁴² BG I.4.

⁴³ “*ita Helvetios a maioribus suis institutos esse uti obsides accipere, non dare, consuerint; eius rei populum Romanum esse testem.*” BG I.14.

muralha, e a muralha é privada de defensores, os atacantes formam uma ‘tartaruga’, vão até os portões e passam sob a muralha”⁴⁴); pedido de paz (“as mulheres e as crianças, com as mãos estendidas sobre a muralha, ao seu costume, suplicaram a paz aos romanos”⁴⁵); convenção de guerra (“Isso [uma convenção armada] marca o começo de uma guerra na prática dos gauleses; e por lei geral todos os homens adultos são habituados a reunir-se nela armados, sendo aquele que chegar por último à assembléia morto com todo tipo de tortura à vista do anfitrião⁴⁶”).

A maior e mais extensa representação dessa similaridade de costumes é encontrada entre os capítulos onze e vinte do sexto livro do *BG*, nos quais César procede a uma descrição dos gauleses a fim de opor-los aos germanos. César descreve a divisão da sociedade entre duas classes de pessoas de real dignidade, druidas e cavaleiros, e seus papéis nela (os druidas “se preocupam com culto divino, a realização correta dos sacrifícios, públicos e privados, e a interpretação de questões rituais”⁴⁷; os cavaleiros “quando incide a guerra são todos envolvidos; e de acordo com a importância de cada um em berço e recursos, é o número de vassalos e dependentes que tem em torno de si”⁴⁸), os deuses cultuados pelos gauleses e o que representavam (sendo ambos semelhantes aos dos romanos) ⁴⁹ e seus hábitos funerários

⁴⁴ “*ubi circumiecta multitudine hominum totis moenibus undique in murum lapides iaci coepti sunt murusque defensoribus nudatus est, testudine facta portas succedunt murumque subruunt.*” *BG* II.6.

⁴⁵ “*Item, cum ad oppidum accessisset castraque ibi poneret, pueri mulieresque ex muro passis manibus suo more pacem ab Romanis petierunt.*” *BG* II.13

⁴⁶ “*Hoc more Gallorum est initium belli, quo lege communi omnes puberes armati convenire consuerunt; qui ex eis novissimus convenit, in conspectu multitudinis omnibus cruciatibus affectus necatur.*” *BG* V.56.

⁴⁷ “*Illi rebus divinis intersunt, sacrificia publica ac privata procurant, religiones interpretantur.*” *BG* VI.13.

⁴⁸ “[...] *Hi, cum est usus atque aliquod bellum incidit, omnes in bello versantur, atque eorum ut quisque est genere copiisque amplissimus, ita plurimos circum se ambactos clientesque habet.*” *BG* VI.15.

⁴⁹ *BG* VI.17.

(extremamente extravagantes para as condições gaulesas, de acordo com César)⁵⁰. Por exemplo, descreve a devoção religiosa dos gauleses em momentos de infortúnio ou ante o perigo da batalha:

Toda a nação dos gauleses é muito devota à observação dos rituais, e por essa razão aqueles que são afligidos pelas mais graves doenças e que estão engajados nos perigos da batalha ou sacrificam vítimas humanas ou prometem fazê-lo, empregando os druidas como ministros para tais sacrifícios. Eles acreditam, na verdade, que, a não ser que a vida de um homem seja paga pela vida de um homem, a majestade dos deuses imortais pode não ser aplacada; e na vida pública tanto quanto privada eles observam uma ordenança de sacrifícios do mesmo tipo. Outros usam figuras de tamanho imenso, cujos membros, trançados por galhos, eles enchem com homens vivos e incendeiam, e os homens perecem em chamas. Eles creem que a execução daqueles que foram pegos no ato de furto ou roubo ou algum outro crime satisfaz mais aos deuses imortais; mas quando o suprimento desses falha eles recorrem à execução mesmo dos inocentes.⁵¹

Por último, falemos da solidariedade entre os gauleses. Presente através da obra se encontra a ideia de que as tribos gaulesas, apesar de continuamente em batalha entre si, prontamente irão ao socorro de seus compatriotas ante uma ameaça externa: sempre que há uma tribo que faça guerra contra os romanos com o intuito de removê-los do território gaulês, rapidamente outras tribos se juntam à empreitada. César coloca em V.27 que “não teria sido fácil para gauleses recusar gauleses, especialmente quando eles consideravam que o desígnio que haviam entrado era para o reestabelecimento de sua liberdade comum”⁵². No início sétimo livro, em uma reunião, os chefes gauleses teriam argumentado que a morte era

⁵⁰ BG VI.19.

⁵¹ “*Natio est omnis Gallorum admodum dedita religionibus, atque ob eam causam, qui sunt adfecti gravioribus morbis quique in proeliis periculisque versantur, aut pro victimis homines immolant aut se immolatuos vovent administrisque ad ea sacrificia druidibus utuntur, quod, pro vita hominis nisi hominis vita reddatur, non posse deorum immortalium numen placari arbitrantur, publiceque eiusdem generis habent instituta sacrificia. Alii immani magnitudine simulacra habent, quorum contexta viminibus membra vivis hominibus complent; quibus succensis circumventi flamma exanimantur homines. Supplicia eorum qui in furto aut in latrocinio aut aliqua noxia sint comprehensi gratiora dis immortalibus esse arbitrantur; sed, cum eius generis copia defecit, etiam ad innocentium supplicia descendunt.*” BG VI.16.

⁵² “*Non facile Gallos Gallis negare potuisse, praesertim cum de recuperanda communi libertate consilium initum videretur.*” BG V.27

preferível à perda de liberdade recebida por seus antepassados⁵³. Contudo, o maior e melhor exemplo que pode exprimir a sensação de solidariedade entre os povos gauleses é na fala de Vercingetórige. Sempre buscando unir as tribos em torno de si para melhor combater Roma, a condição de solidariedade comum aos gauleses é clara e definitivamente expressa quando o líder afirma nem mesmo o mundo poderia resistir à união de toda Gália.⁵⁴

Por um lado, é difícil atribuir um único nome aos gauleses e buscar entre eles uma história em comum. Por outro, há claramente uma noção de cultura comum a todos os gauleses, bem como de uma solidariedade quase incondicional entre si (ao menos face uma ameaça externa). Entretanto, a noção de fluidez implicada pela dificuldade em atribuir um único nome e história comum aos gauleses não impossibilita a caracterização de uma regionalização da Gália, regionalização essa consolidada pela relação que vem a ser estabelecida pela associação dos nomes, povos e cultura ao território.

3.2 Ancestralidade e território

Falemos em primeiro lugar sobre a questão do território comum no decorrer do *BG*. Como apresentamos na parte anterior, já no início da obra César divide “toda a Gália” em três partes, de acordo com seus habitantes. Podemos afirmar, entretanto, que há para César um sentido de unidade o território referido como Gália.⁵⁵ César afirma ser *toda* a Gália dividida. Orgeotórige afirma que seria fácil para os helvécios exercer domínio sobre *toda* a Gália, pois

⁵³ *BG* VII.1

⁵⁴ “*cuius consensui ne orbis quidem terrarum possit obsistere*” *BG* VII.29.

⁵⁵ Riggsby, 2006, p. 30.

eram eles mais valorosos que todos⁵⁶. Diviciaco afirma que *toda* a Gália é dividida entre duas facções⁵⁷. Os éduos reclamam a supremacia sobre *toda* a Gália mesmo antes de buscarem amizade com Roma⁵⁸. Temos, ainda, a referência feita por Vercingetórige que há pouco citamos: *toda* a Gália, unânime, era invencível⁵⁹. Riggsby aponta que a reiteração de César quanto a unidade da Gália serve não apenas como delimitação do seu propósito em campanha, mas também para questões de responsabilidade sobre o fazer guerra:

A Gália ou é conquistada (como um todo) ou não; a supressão parcial não é de modo algum uma supressão. Ademais, a unidade da Gália permite a César evadir certas questões de responsabilidade. Em seu relato, os gauleses frequentemente trazem a guerra sobre si mesmos por violações de *fides*. Na medida em que a identidade separada das diferentes tribos está submergida em uma identidade gaulesa coletiva, é menos importante para ele poder identificar quais tribos violaram a fé em quais maneiras. Culpa coletiva se torna possível, ainda que não seja explicitamente invocada.⁶⁰

Obviamente, os obstáculos para uma unanimidade de fato da Gália eram as disputas entre suas tribos, ainda que por vezes obscurecida pela solidariedade entre si quando face a uma ameaça externa. Contudo, é inegável a presença de um pensamento da Gália compondo uma totalidade e unidade, independente das guerras feitas entre seus habitantes. Ainda assim, há referências a outros territórios comuns. César reforça continuamente que os helvécios haviam marchado de sua própria terra para empreender guerra, fazendo-os parecer (ao menos nesse momento) externos à totalidade da Gália⁶¹. Ao narrar o palco de guerra na Aquitânia, é

⁵⁶ BG I.2.

⁵⁷ BG I.31.

⁵⁸ BG I.43.

⁵⁹ BG VII.29. Sobre Vercingetórige conforme exposto no BG, cf. De Oliveira, 2008.

⁶⁰ “Gaul is either conquered (as a whole) or is not; partial suppression is no suppression at all. Furthermore, the unity of Gaul allows Caesar to finesse certain questions of responsibility. In his account, the Gauls often bring war upon themselves by violation of *fides*. To the extent that the separate identity of different tribes is submerged in a collective Gallic identity, then it is less important for him to be able to identify which tribes have breached faith in what ways. Collective guilt becomes possible, even if it is not explicitly invoked.” Riggsby, 2006, p. 30.

⁶¹ E.g.: BG I.2.

dito que “os sociates, com a confiança de vitórias anteriores, sentiram que em sua própria coragem dependia a segurança de toda Aquitânia”⁶². É interessante ainda a associação dos venécios e armóricos à sua geografia local⁶³, assim como a dos menápios e morinos⁶⁴. Contudo, continua prevalecendo de maneira mais geral a visão da Gália como um território total e único, habitado por esses povos.

Tratando-se da ancestralidade dos gauleses, há também alguns relatos sobre parte da população. Fora argumentos sobre costumes passados por ancestrais, como o valor dos helvécios⁶⁵ ou mesmo abstrações como a própria noção de liberdade - “antes respeitar a liberdade recebida de seus ancestrais que suportar a escravidão romana”⁶⁶ - , há relatos como “a maioria dos belgas era de origem germana, e haviam sido trazidos para este lado do Reno há muito tempo”⁶⁷, ou, ainda, que

A tribo [aduáticos] descendia dos cimbro e teutões, que, durante a marcha para nossa província e Itália, deixaram tanto de seus animais e pertences quanto não podiam conduzir ou carregar com eles na margem próxima (i.e. oeste) do Reno, e deixaram seis mil homens de sua companhia com isso como guarda e guarnição.⁶⁸

Entretanto, o próprio César indica ainda uma origem reclamada pelos gauleses de forma geral para si, distinguindo-os dos demais povos. Essa origem é fortemente ligada à

⁶² “*cum Sociates superioribus victoriis freti in sua virtute totius Aquitaniae salutem positam putarent.*” BG III.21.

⁶³ BG III.7-19.

⁶⁴ BG III.28.

⁶⁵ BG I.13.

⁶⁶ “*ut in ea libertate quam a maioribus acceperint permanere quam Romanorum servitutem perferre malint.*” BG III.8

⁶⁷ “*plerosque Belgos esse ortos a Germanis Rhenumque antiquitus traductos.*” BG II.4

⁶⁸ “*Ipsi erant ex Cimbris Teutonisque prognati, qui, cum iter in provinciam nostram atque Italiam facerent, iis impedimentis quae secum agere ac portare non poterant citra flumen Rhenum depositis custodiam [ex suis] ac praesidium VI milia hominum una reliquerant.*” BG II.29. É interessante que, em ambos os casos onde se cita origem distinta, essa remete aos germanos.

religião, remontando a uma divindade, e influencia mesmo a percepção de tempo, devido às características de tal divindade. Ele descreve que

Os gauleses afirmam que eles são todos descendentes de um Pai comum, Dis, e dizem que essa é a tradição dos druidas. Por essa razão eles determinam todos os períodos de tempo pelo número, não de dias, mas de noites, e na sua observância dos aniversários e início de meses e anos o dia segue a noite.⁶⁹

Portanto, podemos atribuir aos gauleses (conforme descritos por César) como um todo um único território, tendo em vista que estes (ainda no discurso de César) de forma constante se referem à Gália como um todo. Podemos também afirmar nos mesmos termos que há de fato um mito de ancestralidade compartilhada por todos os gauleses - a descendência de Dis -, ainda que algumas tribos sejam vistas como de origem diferentes, vindas dos germanos.

⁶⁹ “*Galli se omnes ab Dite patre prognatos praedicant idque ab druidibus proditum dicunt. Ob eam causam spatia omnis temporis non numero dierum sed noctium finiunt; dies natales et mensum et annorum initia sic observant ut noctem dies subsequatur.*” BG VI.18.

4. Conclusão

A partir dos *Comentarii de Bello Gallico* de Júlio César , propusemos no presente capítulo a busca pela presença dos seis parâmetros destacados no primeiro capítulo como essenciais à definição de uma etnicidade: um nome coletivo; uma história compartilhada; uma cultura distinta e compartilhada (religião, hábitos, língua etc.); um sentido de solidariedade comunitária; a presença de um mito de ancestralidade; e uma associação a um território específico.

Quanto ao nome, é difícil identificar uma nomenclatura única para toda a região. Afirmar gauleses de forma geral, como fazemos no decorrer do trabalho, é medida facilitadora de recorrer à metonímia da região pelos seus habitantes. A pleora de nomes de tribos fornecidos por César busca mostrar a amplitude e diversificação dos habitantes da região, ainda que por muitas vezes não seja explorada ou diferenciada para algo além do mero nome.⁷⁰ A divisão inicial da Gália em três regiões, sendo uma dessas correspondente a um grupo com etnônimo homônimo ao que poderia ser dado aos habitantes da região como um todo, apenas contribui para a dificuldade de uma nomenclatura que englobe toda a população da região - ainda que, ao se referirem à região em si, possamos argumentar que essa nomenclatura exista (ao menos a partir do discurso de César).

Tratando-se da presença de uma história compartilhada, muito pouco pode ser dito. É preponderante, quando existente, a história e feitos passados de tribos vistas de forma individual, não havendo a preocupação de se estabelecer um laço através do tempo entre as diversas tribos. Por outro lado, há uma demonstração de cultura não apenas local ou tribal,

⁷⁰ Riggsby, 2006, p. 71.

mas também compartilhada entre todos os habitantes da Gália, em especial se tratando dos hábitos religiosos e de fazer guerra. Da mesma forma, a solidariedade entre gauleses é continuamente explicitada. Independentemente dos constantes conflitos internos à região, as tribos prontamente se colocam lado a lado em batalha ante uma ameaça externa.

Transmitida nessa solidariedade está a concepção de um território compartilhado por essas tribos, tendo em vista a própria concepção do que vem a ser uma ameaça externa. Sem entender a Gália como um todo como sendo seu território, as tribos não poderiam empreender conjuntamente guerra contra germanos e romanos, que estariam invadindo o seu território. Essa concepção toma contornos (retóricos) extremos ao assumir que a Gália seria invencível se todas suas tribos se unissem de forma unânime. Também reforça essa concepção de um território comum e a solidariedade entre os gauleses a existência de um mito de ancestralidade comum, remontando sua origem a patamares divinos.

A fim de atender seus propósitos políticos, César acaba por invocar uma unicidade entre os gauleses, atribuindo uma descrição uniforme aos habitantes da Gália, por mais que possam ser de alguma forma diversas tribos.⁷¹ Devido ao próprio objetivo de César, pode-se encontrar muitas das características correspondentes aos parâmetros estabelecidos para trabalho - nomeadamente, um nome coletivo, de uma história compartilhada, de uma cultura distinta e compartilhada (religião, hábitos, língua etc.), de um sentido de solidariedade comunitária, a presença de um mito de ancestralidade e uma associação a um território específico. Tendo em mente ainda que os dois últimos parâmetros citados podem ser identificados - e que os mesmos foram identificados por Jonathan Hall como principais - é possível definir a construção de uma etnicidade gaulesa em César.

⁷¹ Ibid., p. 70.

Capítulo III: O geógrafo erudito

Estrabão de Amásia foi um estudioso do século I d.C., tendo composto os dezessete livros de sua *Geografia*, o mais compreensivo trabalho etnográfico a sobreviver na antiguidade clássica¹. Ele teria começado sua carreira como um historiador, ganhando, porém, reputação com sua pesquisa de geografia descritiva.²

Daniela Dueck afirma que as principais inovações de Estrabão na *Geografia* foram seu foco na geografia como seu tema principal e seu amplo escopo de pesquisa, tratando de todo o mundo conhecido³, sendo esse mundo determinado, em última instância, pela habitação humana e sua contínua mutabilidade⁴. William A. Koelsch (2004) apoia tal visão, afirmando que “ele [Estrabão] estava interessado no que hoje chamaríamos de ‘mudança geográfica’ (tanto física quanto humana) na população, na localização das cidades, e em padrões de distribuição e migração étnicas”⁵. Na mesma vertente, Denis Cosgrove (2001) aponta em Estrabão um inventário da habitação, alteração e exploração humanas da terra⁶.

De forma semelhante ao capítulo anterior, antes de analisarmos os excertos etnográficos do quarto livro da *Geografia* de Estrabão, dissertaremos brevemente sobre as

¹ Almagor, 2005, p. 42.

² Dueck, 2010, p. 236.

³ Ibid, p. 237.

⁴ Ibid, p. 238.

⁵ “He [Strabo] was interested in what we would now call ‘geographical change’ (both physical and human) in population, in the location of cities, and in patterns of ethnic distribution and migration.” Koelsch, 2004, p. 510.

⁶ Cosgrove, 2001, p. 47.

questões da publicação e objetivo da obra, bem como da presença da inserção da obra de Estrabão em uma tradição de escrita geográfica e etnográfica.

1. Publicação e objetivo

Koelsch aponta que há alguns pontos principais aos quais direcionam-se as interrogações acerca da publicação e objetivo da *Geografia*, nomeadamente: datação, local de produção, transmissão textual e quem seriam os leitores da obra⁷. Focaremos aqui na questão da datação e quem seriam seus leitores, por acreditar que seriam esses mais interessantes ao trabalho proposto.

Acerca da datação da produção, existem duas principais abordagens. A primeira afirma que a obra teria sofrido edições posteriores ou que seria a junção de versões compostas em períodos diferentes. Logo, Estrabão teria buscado atualizar posteriormente a obra de forma a comportar mudanças geopolíticas ocorridas. A segunda abordagem propõe que Estrabão teria composto a obra uma única vez, sem desenvolver posteriormente alterações em seu conteúdo.⁸

Um exemplo do primeiro grupo pode ser visto em Hugh Lindsay (1997), que argumenta que uma revisão teria sido feita no trabalho de Estrabão entre 18 e 19 d.C. ou talvez depois, sendo a produção original da obra anterior a essa data⁹. Dueck, por sua vez, pode ser vista como um exemplo do segundo grupo, pois considera que a obra fora escrita

⁷ Koelsch, 2004, p. 504.

⁸ Dueck, 2000, p. 146.

⁹ Lindsay, 1997, p. 506.

inicialmente nos primeiros anos do governo de Tibério, sem posteriores alterações¹⁰. Logo, para Dueck, a produção original da obra teria sido no período considerado por Lindsay como aquele no qual Estrabão teria desenvolvido uma revisão na mesma.

Além de afirmar que a produção original da *Geografia* teria sido elaborada nos primeiros anos do governo de Tibério, Dueck propõe ainda 4 princípios que teriam influenciado na decisão de Estrabão por incluir ou excluir detalhes na obra:

1. Utilidade e pragmatismo: [...] Tudo que está distante do leitor, geograficamente, realisticamente ou cronologicamente, não o beneficia e não possui lugar na obra.
2. Tamanho e significância: entidades menores e assuntos insignificantes devem ser omitidos [...]
3. Reverência a Homero: qualquer coisa mencionada por esse grande poeta deve ser considerada; Estrabão na verdade o coroa como fundador da geografia.
4. Lugar e tempo da composição: Estrabão escreveu sua *Geografia* nos primeiros anos do governo de Tibério em uma Roma ainda profundamente influenciada pela atmosfera da época de Augusto.¹¹

Trataremos da inclusão em uma tradição de escrita, na qual se insere o princípio de reverência a Homero, na segunda parte do presente capítulo. Os princípios de utilidade e pragmatismo e de tamanho e significância podem ser considerados complementares: o que é pequeno ou insignificante não vai beneficiar o leitor, se comparado a demais eventos, povos ou localidades. Ademais, sob a influência da época de Augusto, Estrabão estaria em uma excelente posição para apresentar aos romanos seu mundo, agora expandido¹², sendo sua

¹⁰ Dueck, 2010, p. 241.

¹¹ “1. *Utility and pragmatism: [...] All things which are distant from the reader, geographically, realistically or chronologically, do not benefit him and have no place in the work.* 2. *Size and significance: smaller entities and insignificant matter should be omitted [...]* 3. *Reverence towards Homer: anything mentioned by this great poet ought to be considered; Strabo in fact crowns him the founder of geography.* 4. *Place and time of composition: Strabo wrote his Geography in the first years of Tiberius’s rule in a Rome still deeply influenced by the atmosphere of the Augustan age.*” Dueck, 2010, p. 241.

¹² Koelsch, 2004, p. 504.

concepção de espaço desenvolvida por meio do estabelecimento de como os diversos locais, de forma individual, se conectam a Roma¹³.

Diferentemente de César, que buscava apresentar seus feitos ao povo romano de forma mais ampla, a fim de deixar em evidência suas glórias (como vimos no capítulo anterior), Estrabão tem um público alvo bem mais restrito. Lindsay aponta a ênfase dada pelo autor à necessidade de bom conhecimento geográfico por líderes militares¹⁴. Koelsch afirma que Estrabão buscava leitores inteligentes para sua obra¹⁵. Dueck desenvolve o que seriam esses leitores inteligentes, colocando como público alvo de Estrabão também a elite social e estudiosos, além dos líderes militares apontados por Lindsay. De acordo com ela, Estrabão

conclui que a geografia e os vários ramos de conhecimento que ela incorpora são pertinentes para governantes e generais no campo de batalha. Geografia também contribui para resultados positivos na caça, uma atividade de lazer da mesma elite social. [...] A audiência ideal de Estrabão consiste em estadistas, homens em altas posições sociais, homens práticos e homens instruídos.¹⁶

Podemos estabelecer, portanto, a existência de uma profunda distinção entre os públicos alvo almejados por César e Estrabão em suas obras. Enquanto o primeiro buscava mostrar o desenvolvimento de suas ações como servo do povo romano à população da forma mais ampla possível e assim angariar seu apoio e aclamação, o segundo visava fornecer àqueles no topo da pirâmide social meios pelos quais poderiam melhor desenvolver suas ações e alcançar os maiores e melhores resultados.¹⁷

¹³ Clarke, 1999, p. 45.

¹⁴ Lindsay, 1997, p. 503.

¹⁵ Koelsch, 2004, p. 513.

¹⁶ “[...] concludes that geography and the various branches of knowledge it incorporates pertain to rulers and to generals on the battlefield. Geography also contributes to positive results in hunting, a leisure activity of the same social elite. [...] Strabo’s ideal audience consists of statesmen, men in high social positions, practical men, and educated men.” Dueck, 2010, pp. 237-238.

¹⁷ Stevens, 1952, p. 179; Wiseman, 1998, pp. 4-5.

2. Tradição de escrita

Destarte, pode-se afirmar que a forma de escrita usada por Estrabão é herdada de Eratóstenes, Hiparco, Políbio, Posidônio e Homero¹⁸. Dueck aponta que estes não seriam meras fontes para Estrabão, mas que seriam para ele os modelos de escrita geográfica¹⁹. Postula, ainda, que Estrabão teria “pesquisado a centenária história da disciplina geográfica grega, referindo-se extensamente às suas antigas tradições e reconhecendo que alguns de seus predecessores já haviam feito coisas similares”²⁰. Koelsch vai ao encontro dessa visão, argumentando que isso possibilitava a Estrabão desenvolver conclusões mesmo sobre lugares que jamais havia visitado, através de uma metodologia crítica:

Estrabão aplicou os melhores métodos críticos de seu tempo às suas fontes. Ele se baseou na perícia de muitos outros escritores (alguns dos quais são hoje conhecidos apenas em fragmentos) e os comparou entre si, examinando-os contra testes de razão e lógica, para chegar às suas conclusões acerca de lugares que ele não viu por si mesmo. De fato, isso pode por vezes ser uma leitura cansativa e, diferentemente de Heródoto, Estrabão não estava confortável com incertezas.²¹

A questão das incertezas (que, como vimos anteriormente, pode ser mesmo parte da tradição de escrita etnográfica) na obra de Estrabão é peculiar. A princípio, ele iria contra essa mesma tradição de escrita etnográfica. Estrabão evita mencionar aquilo que não é certo, levando em conta sua ciência do constante uso da narrativa etnográfica e geográfica como

¹⁸ Roseman, 2005, p. 27.

¹⁹ Dueck, 2000, p. 56.

²⁰ “[...] surveyed the centuries-old history of Greek geographic discipline, referring at length to its earlier traditions and acknowledging that some of his predecessors had already done similar things.” Dueck, 2010, p. 239.

²¹ “Strabo applied the best critical methods of his time to his sources. He drew on the expertise of numerous other writers (some of whom are now known only in fragments) and compared them with each other, examining them against the tests of reason and logic, to arrive at his conclusions about places he had not seen for himself. To be sure, this can sometimes be tiresome reading, and, unlike Herodotus, Strabo was not comfortable with uncertainty.” Koelsch, 2004, p. 512.

forma de propaganda²², mas ainda assim constrói seu estilo de escrita mesclando seu objetivo prático e pragmático a eventos e histórias interessantes e divertidas²³. Sobre essa característica, Dueck disserta que

Sendo a verdade sua orientação, Estrabão não aceita lendas e mitos em sua historiografia, diferentemente de historiadores anteriores que ele acusa de ‘gosto por mitos’ [...] Ao mesmo tempo, [...] ele entremeia em suas descrições mitos e lendas que não possuem base factual. É possível em alguns casos encontrar uma explicação didática ou pragmática para sua inclusão em um contexto específico, e se não, parece que a intenção de Estrabão era entreter seus leitores e agradá-los. Ele de fato oferece diversas desculpas para a inclusão de mitos em sua supostamente séria pesquisa geográfica com seus objetivos pragmáticos. Esses pretextos emergem através do contexto no qual as histórias são apresentadas ou em algumas palavras explicativas. Normalmente, a chave para compreender a combinação de mito e verdade é racionalidade.²⁴

Portanto, apesar da aparente aversão a essa faceta da tradição, Estrabão ainda assim se utiliza, por vezes, do uso de lendas e mitos com o objetivo de entreter seus leitores, assim como diversos de seus predecessores²⁵. Podemos atribuir também esse uso às informações presentes nas fontes utilizadas para composição da *Geografia*²⁶.

Tratando-se especificamente do Livro 4, há uma influência clara de César²⁷, com Lindsay argumentando que, para tratar da Gália, Estrabão necessariamente teria que recorrer a fontes latinas para suplementar os relatos anteriores e imprecisos feitos por gregos²⁸. Todavia,

²² Dueck, 2010, p. 245.

²³ Dueck, 2000, p. 160.

²⁴ “*Since truth is his guideline, Strabo does not accept legends and myths into his historiography, unlike earlier historians whom he accuses of ‘fondness for myths’.* [...] *At the same time, [...] he interweaves in his descriptions myths and legends which have no factual basis. It is possible in some cases to find a didactic or pragmatic explanation for their inclusion in a specific context, and if not, it seems that Strabo’s intention was to entertain his readers and to please them. He does indeed offer several excuses for the inclusion of myths in his supposedly serious geographical survey with its pragmatic goals. These pretexts emerge through the context in which the stories are presented or in some explanatory words. Usually the key to understanding the combination of myth and truth is rationality.*” Dueck, 2000, p. 73.

²⁵ Ibid, p. 74.

²⁶ Ibid, p. 172; Lindsay, 1997, p. 498.

²⁷ Potheary, 2005, p. 168.

²⁸ Lindsay, 1997, p. 498.

não se pode descartar a contribuição de fontes como Posidônio, Píteas, Éforo e Artemidoro.²⁹

Sarah Pothecary (2005) afirma que, apesar da referência inicial a divisões naturais para definir o mundo, devido a seu foco no fator humano, Estrabão na verdade acaba sendo influenciado pelas condições políticas existentes mesmo antes da presença romana:

Ele [Estrabão] divide o mundo em primeiro lugar de acordo com divisões naturais. ‘Geografizar’ é um verbo para Estrabão. A resposta para a questões ‘quais geografias?’ é montanhas, rios e mares. São esses que ‘geografizam’ a terra. Dentro dessas divisões naturais, Estrabão se concentra em povos, raças, tribos. Em outras palavras, Estrabão se concentra em divisões étnicas dentro de um quadro de características naturais. Entretanto, as divisões étnicas que Estrabão descreve são na verdade um reflexo das condições políticas que precederam a dominação romana.³⁰

²⁹ Riggsby, 2006, p. 48.

³⁰ “He [Strabo] divides the world up according first and foremost to natural divisions. ‘To geography’ is a verb for Strabo. The answer to the question of ‘what geographies?’ is mountains, rivers and seas. It is these that ‘geography’ the land. Within these natural divisions, Strabo concentrates on peoples, races, tribes. In other words, Strabo concentrates on ethnic divisions within a framework of natural features. However, the ethnic divisions which Strabo describes are in reality a reflection of the political conditions which preceded Roman domination.” Pothecary, 2005, p. 177.

3. Descrição dos gauleses

Assim como procedemos no segundo capítulo, dividiremos nesta terceira parte os parâmetros definidos no primeiro capítulo em dois grupos. Também da mesma forma que no segundo capítulo, o primeiro grupo engloba a presença de um nome coletivo, de uma história compartilhada, de uma cultura distinta e compartilhada (religião, hábitos, língua etc.) e de um sentido de solidariedade comunitária; o segundo grupo, a presença de um mito de ancestralidade e uma associação a um território específico.

Entretanto, a extensão da obra de Estrabão acerca dos gauleses é consideravelmente menor se comparada à de César (apenas um livro comparado a sete), gerando, obviamente, uma menor quantidade de informações de forma geral. Esse fato, aliado à característica anteriormente mencionada de sua (ao menos pretensa) aversão ao não confirmado e aos objetivos e público alvo almejados pelo autor, implica na baixa incidência de descrições acerca de determinados fatores interessantes à presente pesquisa na obra estudada. Desta forma, por exemplo, a única informação acerca da ancestralidade dos gauleses presente no Livro 4 é a de que os nêrvios seriam descendentes dos germanos.

3.1 Nome, história, cultura e solidariedade

Da mesma forma que em César, há um grande problema na questão do nome. Há novamente uma divisão inicial entre aquitanos, gauleses (celtas) e belgas. Estrabão descreve que

Chamam, pois, ‘aquitanos’ aos habitantes da parte norte dos Pirineus e do Cemenio que se estende até o Oceano, sem passar pelo rio Garona; e de celtas aos instalados nos territórios opostos, ao largo do mar de Massália e de Narbona, e que alguns montes dos Alpes; e ‘belgas ao resto dos próximos ao oceano, até a desembocadura do Reno, e a alguns do interior próximo a ele e aos Alpes. Esta é também a divisão que o deus César faz em seus comentários.³¹

Também como César, Estrabão procede no decorrer da obra à nomeação de diversas tribos da Gália. Tratando da região como um todo, ele informa que existem sessenta tribos, representadas no santuário dedicado a Augusto (4.3.2), dos quais cita no decorrer da obra quarenta e nove (em ordem de aparição e segundo a tradução de Maria José Meana e Félix Piñero): Bitúriges viviscos, santones, píctones, namnetos, tárbelos, onesios, auscios, eluos, velavios, avernos, lemovices, petrocorios, nitióbriges, cadurcos, bitúriges cubos, rutenos, gábalos, mandubios, segusianos, eduos, secuanos, nantuatas, helvecios, retos, vindólicos, mediomátricos, língones, leucos, carnutos, treveros, nervios, sénones, remos, atrabátios, eburones, morinos, beloacos, ambianos, mesiones, cáletos, parisios, meldos, lexobios, vénetos, boyos, sénones, osismios, belóvacos, suesiones. Entretanto, apesar da grande quantidade de tribos mencionadas, há muitas vezes pouca diferenciação. Como colocado por Riggsby, “Estrabão [...] coloca as várias tribos em locais bastante específicos. Quem essas tribos são é outro assunto. Há breves notas sobre esse ou aqueles grupo, mas a impressão geral é de uma série de nomes indistintos”³².

³¹“*Ἀκυιτανοὺς μὲν τοίνυν ἔλεγον τοὺς τὰ βόρεια τῆς Πυρήνηςμέρη κατέχοντας καὶ τῆς Κεμμίνης μέχρι πρὸς τὸν ὠκεανὸν τὰ ἐντὸς Γαρούναποταμοῦ, Κέλτας δὲ τοὺς ἐπὶ θάτερα μέρη καθήκοντας καὶ τὴν κατὰ Μασσαλίαν καὶ Νάρβωνα θάλατταν, ἀπτομένους δὲ καὶ τῶν Ἀλπειῶν ὄρωνένιων, Βέλγας δ’ ἔλεγον τοὺς λοιπούς τε τῶν παρωκεανιῶν μέχριτῶν ἐκβολῶν τοῦ Ῥήνου καὶ τινὰς τῶν παροικούντων τὸν Ῥήνον καὶ τὰς Ἀλπεῖς. οὕτω δὲ καὶ ὁ θεὸς Καῖσαρ ἐν τοῖς ὑπομνήμασιν εἴρηκεν.*”4.1.1

³² “*Strabo [...] places the various tribes in fairly specific places. Who these tribes are is another matter. There are brief notices about this or that group, but the overall impression is a series of indistinct names.*” Riggsby, 2006, p. 54.

Diferentemente de César, que inicialmente postula que os belgas, gauleses e aquitanos possuem todas as línguas, costumes e leis, Estrabão afirma que apenas os aquitanos apresentariam real diferença dos outros dois grupos. Em 4.1.1, Estrabão informa que

Os aquitanos parecem totalmente a parte, não apenas pela língua, mas também por seu aspecto físico, mais semelhantes aos íberos que aos gauleses. Os demais sim têm aspecto gaulês e falam, ainda que não todos, a mesma língua. Alguns têm uma forma de falar ligeiramente diferente. Os regimes políticos e hábitos sociais se diferenciam muito pouco.³³

Mais distinções culturais são observadas quando Estrabão disserta sobre os belgas. É interessante notar que, apesar de inicialmente dizer que há poucas distinções entre os habitantes da Gália que não os aquitanos, Estrabão descreve determinados hábitos atribuindo-os especificamente aos belgas: organização política e vestuário. Estrabão afirma que os belgas

costumam vestir uma bata, usar cabelos longos e utilizar calções folgados. Em lugar de túnica usam blusões com mangas, que chegam até as partes baixas e os glúteos [...] O armamento é de acordo com sua estatura. [...] A organização política era quase sempre aristocrática. Antigamente elegiam a cada ano um chefe, e também um general que era designado pela tropa para dirigir a guerra. Atualmente acatam habitualmente as ordens dos romanos. Em suas assembleias conservam um hábito pitoresco: se alguém perturba ou interrompe quem está falando, um guarda com espada desembainhada se aproxima e o ordena, ameaçadoramente, que se cale, e se não o faz, repete-lhe o mesmo uma segunda e uma terceira vez, e ao final lhe corta um pedaço da bata suficientemente grande para que fique inutilizável.³⁴

Outras pequenas distinções são feitas a respeito de certas tribos, como o trabalho com metais³⁵ ou o uso de seu território em táticas de guerra³⁶. Estrabão faz ainda uma

33

“τοὺς μὲν Ἀκλιτανοὺς τελέως ἐξηλλαγμένους οὐ τῆ γλώττῃ μόνον ἀλλὰ καὶ τοῖς σώμασιν ἐμπερεῖς Ἴβηρσι μᾶλλον ἢ Γαλάταις, τοὺς δὲ λοιποὺς Γαλατικοὺς μὲν τὴν ὄψιν, ὁμογλώττους δ’ οὐ πάντα, ἀλλ’ ἐνίοις μικρὸν παραλλάττοντας ταῖς γλώτταις· καὶ πολιτεία δὲ καὶ οἱ βίοι μικρὸν ἐξηλλαγμένοι εἰσίν.” 4.1.1

34

“σαηφοροῦσι δὲ καίκομοτροφοῦσι καὶ ἀναξυρίσι χρωῖνται περιτεταμέναις, ἀντὶ δὲ χιτώνων σχιστοῦς χειρῶν φέρουσι μέχρι αἰδοίων καὶ γλουτῶν. [...] ὄπλισμός δὲ σύμμετρος τοῖς τῶν σωμάτων μεγέθεσι [...] ἀριστοκρατικά δ’ ἦσαν αἱ πλείους τῶν πολιτειῶν: ἓνα δ’ ἡγεμόνα ἤροῦντο κατ’ ἐνιαυτὸν τὸ παλαιόν, ὡς δ’ αὐτῶς εἰς πόλεμον εἰς ὑπὸ τοῦ πλήθους ἀπεδείκνυτο στρατηγός: νυνὶ δὲ προσέχουσι τοῖς τῶν Ῥωμαίων προστάγμασι τὸ πλέον. ἴδιον δὲ τὸ ἐν τοῖς συνεδρίοις συμβαῖνον: ἐὰν γὰρ τις θορυβῆ τὸν λέγοντα καὶ ὑποκρούσῃ, προσιῶν ὁ ὑπὸ ἡγεμῶνος ἐσπασμένος τὸ ζῆφος κελεύει σιγᾶν μετ’ ἀπειλῆς, μὴ παυομένου δὲ, καὶ δεύτερον καὶ τρίτον ποιεῖ τὸ αὐτό, τελευταῖον δὲ ἀφαιρεῖ τοῦ σάγου τοσοῦτον ὅσον ἄχρηστον ποιῆσαι τὸ λοιπόν.” 4.4.3.

35 4.2.2.

36 4.3.5.

diferenciação de certas especificidades dos gauleses (celtas, ou seja, um dos três povos que habitariam a Gália). Assim como César, ele aborda a natureza belicosa e o quão precipitados são os gauleses a tomar escolha pela luta. É também nesse trecho que Estrabão apresenta a única referência a algo que poderíamos tomar como solidariedade compartilhada entre gauleses. Estrabão afirma que o gaulês (celta)

é belicoso, se enraivece facilmente e não tarda a iniciar batalha. Distinguem-se por sua simplicidade e falta de malícia, que fazem com que ao ser provocados se amontoem para o combate sem dissimulações nem cálculos estratégicos, de forma que se tornam presa fácil das manobras militares. Basta, na verdade, que alguém os irrite no momento e lugar desejado, com qualquer pretexto, para que estejam dispostos a correr perigo sem mais recursos bélicos que sua força e sua audácia. Quando convencidos para o bem, se entregam com gosto a coisas úteis, e inclusive se iniciam na instrução e na eloquência. Sua força procede tanto de sua estatura elevada como de seu grande número. Congregam-se facilmente em grandes massas por essa simplicidade tão sua que os empurra a solidarizar-se sempre com os protestos do vizinho se creem que ele é tratado injustamente. É bem verdade que hoje em dia vivem todos em paz, submetidos às ordens dos conquistadores romanos, mas tomei esses dados sobre eles de relatos referidos aos tempos antigos.³⁷

Entretanto, assim como César o faz no sexto livro de sua obra, Estrabão dedica uma parte de seu quarto capítulo a tratar de atributos gerais dos gauleses (aqui entendidos como habitantes da Gália, ou seja, incluindo os aquitanos e belgas). Enquanto César cita a divisão da Gália em duas classes sociais dignas de nota, os druidas e os cavaleiros³⁸, Estrabão apresenta três classes. Os druidas aparecem novamente, mas dividem as funções enunciadas por César com os *vates*, enquanto os cavaleiros somem e surgem os bardos:

³⁷“ τὸ δὲ σύμπαν φῶλον, ὃ νῦν Γαλλικὸν τε καὶ Γαλατικὸν καλοῦσιν, ἀρειμάνιονέστι καὶ θυμικόν τε καὶ ταχὺ πρὸς μάχην, ἄλλως δὲ ἀπλοῦν καὶ οὐ κακότηες. διὰ δὲ τοῦτο ἐρεθισθέντες μὲν ἀθρόοι συνίασι πρὸς τοὺς ἀγῶνας καίφανερώς καὶ οὐ μετὰ περισκέψεως, ὥστε καὶ εὐμεταχείριστοι γίνονται τοῖς καταστρατηγεῖν ἐθέλουσι: καὶ γὰρ ὅτε βούλεται καὶ ὅπου καὶ ἀφ’ ἧς ἔτυχε προφάσεως παροξύνει τις αὐτοὺς ἐτοιμοὺς ἔσχε πρὸς τὸν κίνδυνον, πληνβίας καὶ τόλμης οὐδὲν ἔχοντας τὸ συναγωνιζόμενον. παραπεισθέντες δεῦμαρ ὡς ἐνδιδόασιν πρὸς τὸ χρήσιμον, ὥστε καὶ παιδείας ἄπτεσθαι καὶ λόγων. τῆς δὲ βίας τὸ μὲν ἐκ τῶν σωμάτων ἐστὶ μεγάλων ὄντων, τὸ δ’ ἐκ τοῦ πλήθους: συνίασι δὲ κατὰ πλῆθος ῥαδίως διὰ τὸ ἀπλοῦν καὶ αὐθέκαστον, συναγανακτοῦντων τοῖς ἀδικεῖσθαι δοκοῦσιν ἀεὶ τῶν πλησίων. νυνὶ μὲν οὐκ ἐν εἰρήνῃ πάντες εἰσὶ δ’ ἐδουλωμένοι καὶ ζῶντες κατὰ τὰ προστάγματα τῶν ἐλόντων αὐτοῦς Ῥωμαίων, ἀλλ’ ἐκ τῶν παλαιῶν χρόνων τοῦτο λαμβάνομεν περὶ αὐτῶν καὶ τῶν μέχρι νῦν συμμενόντων παρὰ τοῖς Γερμανοῖς νομίμων.” 4.4.2.

³⁸ BG VI.13-15.

Em termos gerais, pode-se dizer que para todos eles [habitantes da Gália] há três grupos que gozam de especial distinção: os bardos, os *vates* e os druidas. Os bardos são poetas cantores. Os *vates* têm funções sagradas e estudam a natureza. Os druidas se dedicam também ao estudo da natureza, mas adicionam o da filosofia moral, e são considerados os mais justos, pelo que se confiam a eles os conflitos privados e públicos, inclusive a arbitragem em caso de guerra, e chegaram a deter aos que já estavam se alinhando para o combate. Incumbem-os principalmente as causas criminais, e pensam que quando estas são muitas é um sinal de abundância para a região.³⁹

Tal mudança pode ser pensada como consequência da conquista romana da região. O desaparecimento da classe social dos cavaleiros pode ser vista como diretamente ligada ao fim das sociedades tribais e ao ímpeto belicoso do bárbaro não civilizado. Com a conquista, a civilização romana, com sua cultura e instituições, começaria a mais fortemente se espalhar e ser assimilada pelos gauleses. Com a imposição do domínio romano e, por conseguinte, a presença militar permanente na região, tampouco seria necessária uma classe social regionalmente exclusiva e especificamente voltada para a guerra.

Outra característica apontada por Estrabão é a prática religiosa gaulesa, que em muito vai ao encontro daquilo apresentado por César, como a imolação e sacrifício humanos e a presença de uma ligação entre religião e guerra na concepção gaulesa. Ele relata sobre:

o costume de pendurar, ao voltar da batalha, as cabeças dos inimigos nas caudas dos cavalos, para as levar e cravar ante as portas de seus templos [...] Os romanos os fizeram terminar com essas práticas, e com as referentes aos sacrifícios e à adivinhação que eram contrárias aos nossos usos. Por exemplo, golpeavam nas costas com uma espada um homem escolhido ritualmente como vítima e praticavam a adivinhação a partir de suas convulsões. Não sacrificavam, contudo, jamais sem a presença de um druida. Ouvei falar também de outras formas de sacrifícios humanos, como por exemplo a prática de matar a flechadas alguns, ou a de crucificar-los nos templos, ou a de fabricar um enorme boneco de palha e madeira no qual

³⁹“*παρὰ πᾶσι δ’ ὡς ἐπίπαν τρία φῶλα τῶν τιμωμένων διαφερόντως ἐστί, βάρδοι τε καὶ οὐάταις καὶ δρυῖδα*
ι: βάρδοι μὲν ὕμνηται καὶ ποιηταί, οὐάταις δὲ ἱεροποιοὶ καὶ φυσιολόγοι, δρυῖδαι δὲ πρὸς τῇ φυσιολογίᾳ κ
αὶ τήνῃθικὴν φιλοσοφίαν ἀσκοῦσι: δικαιοτάτοι δὲ νομίζονται καὶ διὰ τοῦτοπιστεύονται τὰς τε ἰδιωτικὰς
κρίσεις καὶ τὰς κοινὰς, ὥστε καὶ πολέμουσδιήτων πρότερον καὶ παρατάττεσθαι μέλλοντας ἔπανον, τὰς δὲ
φονικὰς δίκας μάλιστα ἐπετέτραπτο δικάζειν. ... ὅταν τε φορὰ τούτων ἦ, φορὰν καὶ τῆς χώρας νο
μίζουσιν ὑπάρχειν. ἀφθάρτους δὲ λέγουσι καὶ οὐτοικαὶ οἱ ἄλλοι τὰς ψυχὰς καὶ τὸν κόσμον, ἐπικρατήσῃ
δὲ ποτε καὶ πῦρ καὶ ὕδωρ.” 4.4.4.

metiam algumas cabeças de gado, bichos de todo tipo e homens, e fazer com ele um holocausto.⁴⁰

Todas essas descrições Estrabão apresenta em termos relativos: as práticas mais bárbaras eram presentes antes do domínio romano, que para ali teria trazido a civilização e posto fim a tais práticas.⁴¹ A menção aos druidas faz alusão ao passado descrito por César, que indica que eram aqueles os responsáveis sobre todas as questões religiosas, rituais e sacrificiais⁴², tendo em vista que o próprio Estrabão já atribui tais funções religiosas a outra classe, os *vates*.

Por outro lado, muito pouco é falado expressamente sobre a história gaulesa. Nos poucos momentos referentes a fatos passados, Estrabão se volta para tribos, e não para os gauleses em sua totalidade. Em uma das referências, ele trata acerca da antiga inimizade entre sequanos e éduos, causada pela antiga disputa sobre a posse do rio Arar, mas afirma que em seu próprio tempo tudo era agora dominado pelos romanos⁴³. Nas outras referências que faz a fatos passados das tribos, Estrabão parece em muito se basear em César, pois reconta os eventos que este relatou em seus *Comentários*. Exemplos podem ser vistos quando Estrabão aponta o grande valor dos avernos em batalha, que teriam levado quatrocentos mil homens contra César sob comando de Vercingetórige⁴⁴, bem como os também quatrocentos mil

⁴⁰“πρόσσει δὲ τῆ ἀνοίᾳ καὶ τὸ βάρβαρον καὶ τὸ ἔκφυλον, ὃ τοῖς προσβόρροις ἔθνεσι παρακολουθεῖ πλεῖστον, τὸ ἀπὸ τῆς μάχης ἀπιόντας τὰς κεφαλὰς τῶν πολεμίων ἐξάπτειν ἐκ τῶν ἀύχενων τῶν ἵππων, κομίσαντας δὲ προσπατταλεῦειν τοῖς προπυλαίοις. φησὶ γοῦν Ποσειδώνιος αὐτὸς ἰδεῖν ταύτην τὴν θεάν πολλαχοῦ, καὶ τὸ μὲν πρῶτον ἀηθίζεσθαι, μετὰ δὲ ταῦτα φέρειν πρῶτως διὰ τὴν συνήθειαν. τὰς δὲ τῶν ἐνδόξων κεφαλὰς κεδροῦντες ἐπέδεικνυον τοῖς ξένοις, καὶ οὐδὲ πρὸς ἰσοστάσιον χρυσὸν ἀπολυτροῦν ἤξιον. καὶ τούτῳ δ’ ἔπαυσαν αὐτοὺς Ῥωμαῖοι καὶ τῶν κατὰ τὰς θυσίας καὶ μαντείας ὑπεναντίων τοῖς παρ’ ἡμῖν νομίμοις. ἄνθρωπον γὰρ κατεσπείσμενον παίσαντες εἰς νῶτον μαχαίρα [p. 271] ἐμαντεύοντο ἐκ τοῦσφαδασμοῦ. ἔθνον δὲ οὐκ ἄνευ δρυιδῶν. καὶ ἄλλα δὲ ἀνθρωποθυσιῶν εἰδηλέγεται: καὶ γὰρ κατετόξευόν τινες καὶ ἀνεσταύρουσιν ἐν τοῖς ἱεροῖς καὶ κατασκευάσαντες κολοσσὸν χόρτου καὶ ζύλων, ἐμβalόντες εἰς τοῦτον βοσκήματα καὶ θηρία παντοῖα καὶ ἀνθρώπους, ὡλοκαύτουσιν.” 4.4.5.

⁴¹ Riggsby, 2006, p. 51.

⁴² BG VI.13.

⁴³ 4.3.2.

⁴⁴ 4.2.3.

helvécios que haviam caído em guerra contra César⁴⁵. Descreve brevemente, ainda, a vitória romana sobre os vênetos,

que combateram no mar contra César, dispostos a impedir sua travessia até a Britânia, que lhes servia de enclave comercial. Resultou, contudo, fácil vencer-los utilizando, não os aríetes (pois eram largas as madeiras de seus cascos), mas foices embutidas nas lanças com as quais os romanos rasgavam as velas das embarcações levadas até eles pelo vento.⁴⁶

O único elo de ligação claramente visível entre as histórias das tribos gaulesas é a conquista romana. Logo, é esse o ponto histórico crítico que pode ser ressaltado a partir de Estrabão. Para o autor, antes da chegada de César na região, a barbárie dominava. Com as campanhas de César, o comportamento bárbaro fora moderado e a civilização pode chegar à região.

3.2 Ancestralidade e território

Conforme afirmamos anteriormente, não há em Estrabão uma referência a alguma ancestralidade comum gaulesa. O mais próximo que podemos encontrar disso é uma curta afirmação em 4.3.4, que se resume a “os nérvios, povo também germano”⁴⁷. A perspectiva para a existência de uma concepção de um território comum e compartilhado, tampouco é muito positiva.

⁴⁵ 4.3.3.

⁴⁶ “ὧν Ὀυένετοι μὲν εἰσιν οἱ ναυμαχῆσαντες πρὸς Καίσαρα: ἔτοιμοι γὰρ ἦσαν κωλύειν τὸν εἰς τὴν Βρεττανικὴν πλοῦν χρώμενοι τῷ ἐμπορίῳ. κατεναυμάχησε δὲ ῥαδίως, οὐκ ἐμβόλοις χρώμενος (ἦν γὰρ παχέα τὰ ζύλα) ἀλλ’ ἀνέμῳ φερομένων ἐπ’ αὐτὸν κατέσπων οἱ Ῥωμαῖοι τὰ ἰστιάδορυδρεπάνοις: ἦν γὰρ σκύτιν α διὰ τὴν βίαν τῶν ἀνέμων: ἀλύσεις δ’ ἔτεινονάντι κάλων.” 4.4.1.

⁴⁷ “Τρηουίροις δὲ συνεχεῖς Νέροιοι, καὶ τοῦτο Γερμανικὸν ἔθνος” 4.3.4.

Estrabão se refere ao território da Gália como unidade para dividi-lo primeiramente em três partes, segundo César, e logo em seguida em quatro partes, seguindo a divisão administrativa feita por Augusto⁴⁸. Entretanto, logo em seguida, aponta que ambas não são de grande valor geográfico, sendo as divisões geográficas e étnicas (quando relevantes) mais interessantes à geografia.⁴⁹ Muito mais comum é a descrição da separação dos territórios segundo suas tribos e geografia regional, em especial o traçado dos rios, como é o caso do Arar separando éduos e sequanos⁵⁰ e a desembocadura do Garona separando os bituriges viviscos e os santones⁵¹. A única referência mais interessante tratando-se da associação de um povo ao território é aquela dos morinos e menápios, dentre outros. A descrição é semelhante àquela apresentada por César, incluindo apenas o efeito causado pelas estações do ano:

O território dos morinos e dos atrebátios e eburones é similar ao dos menápios. Ocupam, na verdade, um grande matagal frondoso [...] Durante as incursões bélicas bloqueavam os acessos embaraçando entre si caules espinhosos dos arbustos e cravando em alguns lugares estacas no solo. E eles, com toda sua família, se refugiavam nas partes mais profundas, ocupando as ilhotas dos pântanos, e dessa forma tinham refúgios seguros nos meses chuvosos, apesar de serem facilmente capturados nos meses secos.⁵²

Entretanto, Estrabão ressalta uma visão de um povo gaulês andarilho, cuja caracterização de sua relação direta com o solo não seria de fato necessária, afirmando que as movimentações eram contínuas devido à vitória e à derrota nas guerras internas⁵³. De fato,

⁴⁸ 4.1.1.

⁴⁹ Ibid.

⁵⁰ 4.3.2.

⁵¹ 4.2.1.

⁵² “ἐμπερής δ’ ἐστὶ τῆ τῶν Μεναπίων ἢ τε τῶν Μορίων καὶ ἢ τῶν Ἀτρεβατίων καὶ Ἐβουρόνων: ὅλη γὰρ ἐστὶν οὐχὺψηλῶν δένδρων πολλῇ μὲν οὐ τοσαύτῃ δὲ ὄσσην οἱ συγγραφεῖς εἰρήκασιν [...] κατὰ δὲ τὰς πολεμικὰς ἐφόδους συμπλέκοντες τὰς τῶν θάμνων λόγους βατώδεις οὐσας ἀπέφραττον τὰς π ἀρόδους. ἔστι δ’ ὅπου καὶ σκόλοπας κατέπηττον, αὐτοὶ δὲ κατέδυνον εἰς τὰ βάθη πανοίκιοι, νησίδια ἔχοντες ἐν τοῖς ἔλεσι: ἐν μὲν οὖν ταῖς ἐπομβρίαις ἀσφαλεῖς τὰς καταφυγὰς εἶχον, ἐν δὲ τοῖς ἀχμοῖς ἤλισκοντο ῥαδίως.” 4.3.5.

⁵³ 4.4.2.

Riggsby afirma que tanto para Estrabão quanto para César, “as pessoas e lugares da Gália carecem de identidades distintas; elas são intercambiáveis e, de fato, intercambiadas”⁵⁴. Desta forma, é difícil determinar que Estrabão tenha descrito um único território comum a todos os gauleses.

⁵⁴ “*For both authors, the people and places of Gaul lack distinct identities; they are interchangeable an, in fact, interchanged.*” Riggsby, 2006, p. 55.

4. Conclusão

Tendo em mente o Livro IV da *Geografia* de Estrabão, propusemos no presente capítulo a busca pela presença dos seis parâmetros destacados no primeiro capítulo como essenciais à definição de uma etnicidade: um nome coletivo; uma história compartilhada; uma cultura distinta e compartilhada (religião, hábitos, língua etc.); um sentido de solidariedade comunitária; a presença de um mito de ancestralidade; e uma associação a um território específico.

Desses parâmetros, podemos afirmar de alguma forma a existência de apenas um deles: a cultura. Estrabão delimita claramente um grupo de costumes e instituições comuns a todos os habitantes da Gália. Entretanto, não é possível ignorar as diferenças e peculiaridades próprias variando entre grupos, ou mesmo o uso de uma língua diferente por parte dos aquitanos.

A questão do nome é de complicada referência. Sua nomeação obsessiva de diversas tribos, característica presente também em César, pouco vulto prático possui no texto além de demonstrar conhecimento sobre a área. É interessante destacar, ainda, que Estrabão em nenhum momento usa os equivalente gregos aos termos Gália e gaulês, preferindo usar Celta e celta e, mesmo assim, só o utiliza de maneira generalizada para englobar o escopo de toda região da Gália quando busca opor os habitantes da região aos de alguma outra, como os ibéricos ou germanos, de outra forma utilizando-o para definir especificamente apenas uma de suas divisões.⁵⁵ Diferentemente de César, Estrabão não busca que o nome seja intercambiável entre os diferentes povos.

⁵⁵ Thollard, 2009, p. 115.

Não menos complicadas são as situações da solidariedade e da história comuns. A solidariedade, como vimos, é apenas mencionada como existente quando se tratando de somente uma das três subdivisões da Gália (os celtas). A história, em amplo sentido, é pertinente a alguns grupos apenas, referindo-se a algum todo apenas ao rememorar eventos relativos às campanhas de César.

Um mito de ancestralidade comum aos gauleses sequer é citado. Tampouco é possível afirmar a presença de uma descrição de um território comum a todos os gauleses. A relação com o território só é mencionada de formas breves, atendo-se aos recursos naturais locais e aos efeitos causados pela mudança das estações. A ideia dada seria então de um povo sem maiores relações com o território que o domínio através da força.

Entretanto, podemos afirmar que a ausência, omissão ou insipiência na obra das características pertinentes aos parâmetros selecionados para trabalho se dá pelo próprio princípio norteador de Estrabão na execução de sua obra. De forma diferente de César, a preocupação do autor nunca foi demonstrar a unicidade daquele povo e território, tendo em vista que ambos já estavam de uma ou outra forma incorporados ao domínio romano há pelo menos mais de meio século, sendo seu comportamento original apenas possivelmente inferido a partir do comportamento dos germanos, ainda não conquistados e pacificados por Roma.⁵⁶ Apesar dos ocasionais apontamentos quanto a peculiaridades e curiosidades etnográficas, advindas da tradição de escrita etnográfica e das fontes por ele utilizada, o foco de Estrabão persistentemente se concentra na ordem geográfica da região, fato corroborado ao se averiguar que Estrabão inclui em sua descrição da Gália a cidade de Massália e seus arredores

⁵⁶ Ibid., p. 51.

(a Gália Narbonense, região já sob domínio romano antes mesmo das campanhas de César) e a Britânia (seguindo também o escopo geográfico descrito por César).

Estrabão não estava preocupado em apresentar e convencer outros quanto a existência de uma força ou identidade única gaulesa, muito menos em conquistar a região e angariar prestígio. Logo, não é possível encontrar em sua obra uma clara definição de uma etnicidade gaulesa. Seu foco seria desenhar “uma espécie de inventário do mundo, estabelecido no modo da corografia e destinado aos governantes”⁵⁷.

⁵⁷ “*une sorte d’inventaire du monde, établi sur le mode de la chorographie et destiné aux gouvernants.*” Thollard, 2009, p. 90.

Conclusão

No primeiro capítulo do presente trabalho, identificamos como requisitos para a formação de uma etnicidade que podem ser considerados consensuais entre estudiosos: nome coletivo; mito de ancestralidade; história compartilhada; cultura distinta e compartilhada (religião, hábitos, língua etc.); associação a um território específico; e sentido de solidariedade comunitária. Nos dois capítulos subsequentes, buscamos tentar identificar esses requisitos nas descrições quanto aos habitantes da Gália presentes nos *Comentários sobre a guerra gálica* de Júlio César (segundo capítulo) e no livro IV da *Geografia* de Estrabão (terceiro capítulo).

No segundo capítulo, analisamos que houve uma construção de uma etnicidade gaulesa por parte de César para servir aos seus desígnios políticos. Apesar da dificuldade em afirmar um único nome que englobe a todos e situar uma história compartilhada para os habitantes da região da Gália, encontramos no decorrer do texto diversos exemplos de uma cultura distinta e compartilhada por eles, bem como um sentido de solidariedade em muito calcado no combate (em especial às ameaças externas), uma noção da Gália como um território contíguo e compartilhado e um mito de ancestralidade remontando a uma crença religiosa.

Por outro lado, no terceiro capítulo propusemos que não é possível definir que Estrabão tenha construído uma etnicidade gaulesa pelo simples motivo de tal empreitada não servir diretamente aos seus propósitos. O único dos requisitos propostos para a formação de uma etnicidade que pode ser claramente encontrado no texto é a presença de uma cultura distinta e compartilhada pelos habitantes da Gália. Como o objetivo de Estrabão era fornecer um material de utilidade prática para a elite social, não faria sentido tentar demonstrar como

os gauleses não se encaixavam de fato na sociedade romana. A ideia seria o oposto: mostrar como toda aquela região interage com Roma, sendo dominada por esta e gradualmente assimilando os ideias civilizacionais e abandonando a cultura da barbárie.

Entretanto, tendo César produzido o maior conhecimento sobre os gauleses (a ponto de ser aclamado quanto a tal por Cícero¹) e sendo amplamente citadas as suas empreitadas no decorrer da *Geografia*, podemos afirmar que César foi uma das fontes consultadas e utilizadas por Estrabão² e que, portanto, subsiste na obra do autor e em seu tempo a ideia de uma etnicidade gaulesa tal qual fora construída por César, ainda que a região estivesse sob domínio romano e passando por profundas transformações culturais advindas desse domínio³.

Por conseguinte, podemos afirmar a existência da ideia de uma etnicidade gaulesa dentro da concepção de mundo às épocas de ambos os autores. Definindo um espaço de interação entre um contato inicial mais profundo (*Comentários*) e um momento de integração e domínio (*Geografia*), percebemos uma certa continuidade dessa ideia. Da mesma forma que o Don John de Shakespeare, essa etnicidade gaulesa é formada por fatores externos (no caso de Don John, o preconceito da sociedade; no caso dos gauleses, desígnios políticos) e também por fatores internos (a conformidade de Don John e os próprios traços característicos que os gauleses naturalmente deveriam possuir).⁴

¹ Cícero, *Brutus* 262.

² Riggsby, 2006, p. 48.

³ Nesse âmbito, vale lembrar que “*for the Greeks and Romans, the barbarian was only one construct of difference, a culturally based one, that even the Greeks and Romans themselves recognised as constructed and flexible: one could become a barbarian, and a barbarian could become Greek or Roman*”. Kennedy, 2013, p. xv.

⁴ “*The ancient theories may not directly correlate to our terms ‘race’ and ‘ethnicity’, but both the modern concepts and the ancient texts share the principle that human difference is a product of both internally determined and externally produced influences.*” Ibid. As características “originais” dos gauleses, ou seja, aquelas não construídas por César, obviamente influenciariam também a forma deste elaborar a construção de seus gauleses. Como colocado por Louis Rawlings, “*Caesar cannot have spent his whole time in Gaul with his eyes closed.*”. Rawlings, 1998, p. 173.

Ao mesmo tempo que denota traços do que podem ter sido de fato características dos gauleses, a etnicidade gaulesa criada por César (e, podemos argumentar, propagada em Estrabão) foi estruturalmente modificada a fim de servir os propósitos daquele e de seu tempo. Seus elementos constitutivos foram moldados e modificados a partir de suas formas originais, constituindo uma nova forma que se leva a crer como originária e que veio a influenciar de diversas formas o mundo até os dias de hoje⁵, fornecendo bases para a construção desde políticas nacionais a ícones da cultura *pop*.

Tudo permanece como nunca foi.

⁵ Dietler, 1994.

Referências

Fontes primárias:

CAESAR, Julius. **The Gallic War**, translated by HJ Edwards. Cambridge: The Loeb Classical Library, 1917; edição de 2006.

CÉSAR, Júlio. **Comentários sobre a Guerra Gálica**, tradução de Francisco Sotero dos Reis. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

ESTRABÓN. **Geografía: Libros III-IV**, traducido por Maria José Meana y Félix Piñero. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

STRABO. **The Geography**, translated by H.L. Jones. Londres: Loeb Classical Library, 1912-1932. Disponível em <http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Strabo/home.html>. Último acesso em 13/06/2018.

THOLLARD, Patrick. **La Gaule selon Strabon. Du texte à l'archéologie. Géographie, livre IV traduction et études**. Paris: Éditions Errance, 2009.

Referências:

ALMAGOR, Eran. Who is a barbarian? The barbarians in the ethnological and cultural taxonomies of Strabo. In: DUECK, Daniela, LINDSAY, Hugh, e POTHECARY, Sarah. **Strabo's Cultural Geography: the Making of Kolossourgia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

ANKERSMIT, Frank R. Historiografia e pós-modernismo. **Topoi** (Rio de Janeiro), v. 2, n. 2, pp. 113-136, 2001.

BARTH, Frederik (ed.). **Ethnic Groups and Boundaries**. Boston: Little Brown, 1969.

BENTLEY, G. Carter. Ethnicity and practice. **Comparative Studies in Society and History**, 29(1), pp. 24-55, 1987.

BREISACH, Ernst. **On the future of history: The postmodernist challenge and its aftermath**. Chicago: University of Chicago Press, pp. 72-165, 2003.

Clarke, K.. **Between Geography and History: Hellenistic Constructions of the Roman World**. Oxford: Clarendon Press, 1999.

COHEN, Abner (ed.). **Urban Ethnicity**. Londres: Tavistock Publications, 1974.

COLLAR, Anna C. F. Networks and Ethnogenesis. in MCINERNEY, Jeremy (ed.). **A Companion to Ethnicity in the Ancient Mediterranean**. Oxford: Wiley Blackwell, 2014.

COSGROVE, Denis E.. **Apollo's eye: a cartographic genealogy of the earth in the western imagination**. Baltimore: JHU Press, 2001.

DE OLIVEIRA, Diego Verissimo. **O Perfil de Vercingetóriga no *De Bello Gallico* de César**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

DIETLER, Michael. "Our ancestors the Gauls": archaeology, ethnic nationalism, and the manipulation of Celtic identity in modern Europe. **American Anthropologist**, v. 96, n. 3, 1994; pp. 584-605.

DOS SANTOS SILVA, Bruno. Introdução aos Estudos sobre a Geografia, de Estrabão. **Mare Nostrum** (São Paulo), v. 1, n. 1, p. 71-83, 2010.

DUECK, Daniela. **Strabo of Amasia: a Greek man of letters in Augustan Rome**. Routledge, 2000.

DUECK, Daniela. "The geographical narrative of Strabo of Amasia". In: RAAFLAUB, K. A. e TALBERT, R.J.A. (eds). **Geography and Ethnography: Perceptions of the World in Pre-Modern Societies**. Malden e Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

DUECK, Daniela, LINDSAY, Hugh, e POTHECARY, Sarah. **Strabo's Cultural Geography: the Making of Kolossourgia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

FORNARA, Charles W. **The nature of history in ancient Greece and Rome**. University of California Press, 1988.

GEERTZ, Clifford (ed.). **Old Societies and New States**. Nova Iorque: The Free Press, 1963.

GRETHLEIN, Jonas; RENGAKOS, Antonios (Ed.). **Narratology And Interpretation: The Content Of Narrative Form In Ancient Literature**. Walter de Gruyter, 2009.

GRIFFIN, M. (ed.) **A Companion to Julius Caesar**. Oxford: Wiley Blackwell, 2009.

HAARMANN, Harald. Ethnicity and Language in the Ancient Mediterranean. in MCINERNEY, Jeremy (ed.). **A Companion to Ethnicity in the Ancient Mediterranean**. Oxford: Wiley Blackwell, 2014.

HALL, Jonathan. **Ethnic Identity in Greek Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HALL, Thomas D. Ethnicity and World-Systems Analysis. in MCINERNEY, Jeremy (ed.). **A Companion to Ethnicity in the Ancient Mediterranean**. Oxford: Wiley Blackwell, 2014, pp. 50-65.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos. Palavras-chave da antropologia transnacional.

Mana, Rio de Janeiro, v.3, n.1, 1997, pp. 7-39.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

HINGLEY, Richard. **Globalizing Roman Culture**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2005.

_____. The 'Legacy' of Rome: The Rise, Decline, And Fall Of The Theory Of Romanization.

in WEBSTER, J.; COOPER, N. (eds.) **Roman imperialism: post-colonial perspectives**.

Leicester: School of Archaeological Studies, University of Leicester, 1996.

HOBBSAWM, Eric J.. **A era dos impérios, 1875-1914**. 22^a ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

JONES, Siân. **The Archaeology Of Ethnicity: Constructing Identities In The Past And Present**. Psychology Press, 1997.

KELLAS, James G. **The Politics of Nationalism and Ethnicity**. Londres: Macmillan, 1991.

KELLNER, Hans. **Language and Historical Representation: Getting the Story Crooked**.

Madison: University of Wisconsin Press, 1989.

KELSEY, Francis W. The Title of Caesar's Work on the Gallic and Civil Wars. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**. The Johns Hopkins University Press, 1905, pp. 211-238.

KENNEDY, Rebecca F.. **Race and ethnicity in the classical world**: an anthology of primary sources in translation. Indianapolis: Hackett Publishing Company, Inc., 2013.

KNAPP, A. Bernard. Mediterranean Archaeology and Ethnicity. in MCINERNEY, Jeremy (ed.). **A Companion to Ethnicity in the Ancient Mediterranean**. Oxford: Wiley Blackwell, 2014.

- KOELSCH, William A. Squinting back at Strabo. **Geographical Review**, v. 94, n. 4, p. 502-518, 2004.
- KRAUS, Christina S. *Bellum Gallicum*. In: GRIFFIN, M. (ed.) **A Companion to Julius Caesar**. Oxford: Wiley Blackwell, 2009.
- KREBS, Christopher B. Imaginary Geography" in Caesar's *Bellum Gallicum*. **American Journal of Philology**, 2006; pp. 111-136.
- LI, You-Zheng. Semiotics And Ancient History. **Semiotica**, v. 2008, n. 172, p. 339-360, 2008.
- LINDSAY, Hugh. Strabo on Apellicon's Library. **Rheinisches Museum für Philologie**, v. 140, n. H. 3/4, p. 290-298, 1997.
- LOMAS, Kathryn. 'Urban Elites And Cultural Definition: Romanization In Southern Italy'. In CORNELL, T.J.; LOMAS, Kathryn (eds). **Urban Society in Roman Italy**. London: UCL Press, 1995; p. 109 apud HINGLEY, 2005: 18.
- MARINCOLA, John. **Authority and Tradition in Ancient Historiography**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- MARINCOLA, John (Ed.). **A companion to Greek and Roman historiography**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.
- MARQUES, Juliana Bastos. **Tradição e renovações da identidade romana em Tito Lívio e Tácito**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2013.
- MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, ano 23, n.1, 2001, pp. 171-209.
- MCINERNEY, Jeremy. Ethnicity - An Introduction. in MCINERNEY, Jeremy (ed.). **A Companion to Ethnicity in the Ancient Mediterranean**. Oxford: Wiley Blackwell, 2014.

MORLEY, Neville. **Theories, Models, And Concepts In Ancient History**. Psychology Press, 2004.

MCKAY, James. An exploratory synthesis of primordial and mobilizationist approaches to ethnic phenomena. **Ethnic and Racial studies**, v. 5, n. 4, p. 395-420, 1982.

O`GORMAN, Ellen. No Place Like Rome: Identity and Difference. In: **Oxford Readings in Tacitus**. Oxford: Oxford University Press, 2012, pp. 95-118.

POTHECARY, Sarah. The European provinces: Strabo as evidence. In: **DUECK, Daniela, LINDSAY, Hugh, e POTHECARY, Sarah. Strabo's Cultural Geography: the Making of Kolossourgia, 2005**.

RAMBAUD, Michel. **L'art de la déformation historique dans les Commentaires de César**. Terceira tiragem. Paris: Les Belles lettres, 2011. Primeira edição de 1952.

RAWLINGS, Louis. Caesar's portrayal of Gauls as warriors. In WELSH, K.; POWELL, A. **Julius Caesar as artful reporter: The war commentaries as political instruments**. London: Classical Press of Wales, 1998, pp. 171-92.

REGER, Gary. Ethnic Identities, Borderlands, and Hybridity. in MCINERNEY, Jeremy (ed.). **A Companion to Ethnicity in the Ancient Mediterranean**. Oxford: Wiley Blackwell, 2014, pp. 112-126.

RICHTER, N. L.. A Second Look at Don John, Shakespeare's Most Passive Villain. **Inquiries Journal/Student Pulse [Online]**, 2. 2010. Disponível em: <http://www.inquiriesjournal.com/a?id=133>. Último acesso em 13/06/2018.

RIGGSBY, Andrew M. **Caesar in Gaul and Rome: War in Words**. Austin: University of Texas Press, 2006.

ROSEMAN, Christina Horst. Reflections of Philosophy: Strabo and Geographical Sources. In: DUECK, Daniela, LINDSAY, Hugh, e POTHECARY, Sarah. **Strabo's Cultural Geography: the Making of Kolossourgia**, 2005, pp. 27-41.

RÜPKE, Jörg. Ethnicity in Roman Religion. in MCINERNEY, Jeremy (ed.). **A Companion to Ethnicity in the Ancient Mediterranean**. Oxford: Wiley Blackwell, 2014, pp. 470-482.

SCHADEE, Hester. Caesar's Construction of Northern Europe: Inquiry, Contact and Corruption in De Bello Gallico. **The Classical Quarterly (New Series)**, 58, 2008, pp. 158-180.

SCOTT, George M. A resynthesis of the primordial and circumstantial approaches to ethnic group solidarity: towards an explanatory model. **Ethnic and Racial Studies**, v. 13, n. 2, p. 147-171, 1990.

SHARP, John; MCALLISTER, Pat. Ethnicity, identity and nationalism: international insights and the South African debate. **Anthropology Today**, v. 9, n. 5, p. 18-20, 1993.

SIAPKAS, Johannes. Ancient Ethnicity and Modern Identity. in MCINERNEY, Jeremy (ed.). **A Companion to Ethnicity in the Ancient Mediterranean**. Oxford: Wiley Blackwell, 2014, pp. 66-81.

SMITH, Anthony D. **The Ethnic Origins of Nations**. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

SMOAK, Gregory. **Ghost Dances and Identity: Prophetic Religion and American Indian Ethnogenesis in the Nineteenth Century**. Berkeley: University of California Press, 2006.

STACK, John F. (ed.). **The Primordial Challenge: ethnicity in the contemporary world**. Londres: Greenwood Press, 1986.

STEVENS, C.E. The “*Bellum Gallicum*” as a Work of Propaganda. In **Latomus**, T. 11, Fasc. 2, 1952, pp. 165-179.

VLASSOPOULOS, Kostas. Ethnicity And Greek History: Re-Examining Our Assumptions. **Bulletin of the Institute of Classical Studies**, v. 58, n. 2, p. 1-13, 2015.

WEBSTER, Jane. Creolizing The Roman Provinces. **American Journal Of Archaeology**, p. 209-225, 2001.

WISEMAN, T.P. **Clio’s Cosmetics. Three Studies in Greco-Roman Literature**. Leicester: Leicester University Press, 1979.

WISEMAN, T. P. The Publication of *De Bello Gallico*. In WELSH, K.; POWELL, A. **Julius Caesar as artful reporter: The war commentaries as political instruments**. London: Classical Press of Wales, 1998, pp. 1-9.

WOODMAN, A.J. **Rhetoric in Classical Historiography**. Portland: Aeropagitica, 1988.